





Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Primeiro opusculo

---



# ERRO DO IMPERADOR

POR

JOAQUIM NABUCO

— 1886 —

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

—  
1886



PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Primeiro opusculo

---

O

# ERRO DO IMPERADOR

POR

JOAQUIM NABUCO



RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

1886

**BROCHURAS SEGUINTEs:**

**O Eclypse do Abolitionismo** (Na proxima Semana)

**A Prostituição Eleitoral**

**A Perseguição dos Escravos**

**Porque continuo a ser Liberal.**

**A Nova Camara**

---

**Aviso.** — Toda a correspondencia (cartas, jornaes, manuscriptos, informações) relativa a esta serie deve ser endereçada desta fórma:

**A' Propaganda Liberal**  
**Rua Bella da Princeza n.º 1**  
**Rio de Janeiro.**

**Recebem-se annuncios para os outros numeros.**

---



## PREFACIO

---

Estando, como entre nós estão, as eleições em mãos do governo, todo homem que representa qualquer porção da opinião publica é forçado, em épocas de reacção contra as suas idéas, a crear para si mesmo uma tribuna d'onde seja ouvido pelo seu partido. A confiança em mim testemunhada por Abolicionistas e Liberaes de todas as provincias tem sido tanta e tão expressiva que me considero eu tambem n'aquella obrigação.

A maior necessidade presente do Liberalismo adeantado a que pertenco, e que se póde chamar o Neo-Liberalismo, é ver creada n'esta cidade uma folha diaria que sirva de organ impessoal e independente ás suas aspirações, empreste uma voz ás suas profundas e vastas camadas populares, e estabeleça a communicacão directa, continua, e fortificante, entre os homens e as idéas em nome das quaes elles fallam.

Mas o diario só não basta para a missão politica da imprensa, e, sendo n'ella como é o principal dos seus grandes aparelhos funcçionaes, necessita todavia os serviços das outras publicações. O jornal presuppõe mesmo creada essa força da opinião que elle dirige. Para constituil-a, porém, as materias primas são character, educação, independencia e vontade, no povo, e, essas, para produzil-as, é preciso o trabalho simultaneo, qualquer forma que revista, de todos os semeadores de principios, descobridores de verdades, ou fundadores de exemplos.

Por parte da imprensa, na causa abolicionista por exemplo, o livro de Beecher-Stowe, a folha avulsa de Garrison, o sermão de Parker, a conferencia de Wendell Phillips, a poesia de Whittier, foram outros tantos raios da mesma luz da cons-

ciencia humana, e quando os grandes jornaes tomaram a si a causa dos escravos o pequeno *Liberator* já a tinha ganho.

Esta serie de opusculos será mais uma insignificante contribuição minha para a obra gigantesca do nosso futuro. Reflectir seriamente sobre as nossas condições presentes e publicar o resultado d'essas reflexões, não é nada mais, da parte de um homem politico, do que pedir a sua porção de responsabilidade na formação da opinião. Quem nasceu Brasileiro e quer morrer Brasileiro, tem que escolher na vida publica entre duas estradas divergentes: uma, passando pelas alturas, leva ao engrandecimento proprio; outra leva ao longinquo, penoso, incerto, e por isso mesmo singularmente meritorio, engrandecimento de nossa patria.

JOAQUIM NABUCO.

---

## O ERRO DO IMPERADOR

---

Se ha alguém n'este paiz a quem o resultado das ultimas eleições deva particularmente desagradar, é o Chefe do Estado. É provavel que até hoje a victoria Conservadora só tenha causado satisfação, no Paço, mas ha de haver no fundo da consciencia do Imperador particulas luminosas que não tardem a esclarecel-a como o dia. N'este momento o que se vê é somente prestigio do partido da Ordem, e como a atmosphera dos thronos é, em toda a parte, reaccionaria e inconscientemente sympathica a um sonho impossivel de restauração absolutista, essa *popularidade* inesperada dos Conservadores deve ter sido tão agradável ao elemento monarchico, como foi ao elemento aristocratico.

Nem o Imperador nem sua Familia distinguem entre partido Conservador e Monarchia. A experiencia de outras Casas reinantes não basta para separar nas testas coroadas essas duas entidades diversas. Napoleão tambem não conceberia Exercito francez como noção distincta de Imperio. Entretanto Monarchia e partido Conservador são forças não só differentes, mas muitas vezes oppostas. Os inimigos de uma instituição são em sentido vulgar, os que as combatem, mas em sentido exacto, os que as destroem. O parasita está longe de ter odio, deve ter mesmo amor, ao organismo que o alimenta e que elle arruina. A Monarchia não pensa poder viver sem partido Conservador,

o partido Conservador sabe que pôde viver sem Monarchia. Em todo o mundo vão-se os Soberanos e ficam os partidos. É duvidoso até que a forma monarchica seja forma Conservadora. A forma Conservadora é a olygarchia, da qual a realza é instinctivamente inimiga. O Imperador, porém, está convencido do contrario e surprehendel-o-hia muito quem lhe dissesse que se amanhã viesse a Republica os primeiros Republicanos seriam os Conservadores, porque a Republica seria o facto consummado, que elles adoram; a força, que elles veneram; os empregos e as posições.

\* \* \*

Mas passado esse momento de regozijo proveniente da confusão das duas noções, o Imperador ha de considerar a victoria do chamado *seu* partido por outras faces, para onde até agora não lhe lembrou olhar.

Em primeiro logar elle indagará do valor d'essa transformação reaccionaria do paiz, e do modo por que ella foi obtida, e então começará a despontar-lhe a idéa de que esse triumpho não foi talvez do partido Conservador, mas d'elle mesmo, e só resultou da sua intervenção pessoal em nossas luctas politicas. Essa primeira descoberta tão facil despertará umas reminiscencias esquecidas; uma pagina inteira do seu reinado lhe voltará á memoria, allumiada pelo clarão infalível dos factos posteriores, isto é do seu desenvolvimento logico, e elle meditará não sobre o que fizeram os eleitores, elegendo a nova Camara — porque esse foi um simples phenomeno reflexo, um movimento automatico do paiz, — mas, sim, o que elle mesmo fez, chamando os Conservadores ao poder.

\* \* \*

Em 1867, no ministerio Zacharias, ao mesmo tempo que se empenhava e empenhava o paiz por insistencia do Impe-

rador em uma lucta pessoal de morte com o presidente Lopez, o partido Liberal iniciou a idéa da emancipação gradual dos escravos. Um anno depois, procurando ostensivamente um pretexto, como era a escolha em situação Liberal de um Conservador para o Senado; o Imperador, que não precisava mais dos Liberaes para a sua guerra *à outrance*, chamava ao poder os Conservadores, e assim, deliberadamente, *motu proprio*, paralytava o movimento emancipador, que elle provavelmente, posso dizer seguramente, havia instigado o partido Liberal a crear no paiz.

Em 1884 S. M. chama ao governo o Sr. Dantas. Que approvasse ou desapprovasse *a maneira* de governar d'este, o Imperador, quando elle perde a confiança da Camara sustem-n'o por meio da Dissolução, prova suprema de sua confiança. O Sr. Dantas lança o paiz n'uma phase abolicionista beneficentemente revolucionaria, em que a escravidão parecia supprimida de direito, moralmente abandonada de facto, entregue aos seus proprios recursos. Essa attitude tinha ao que parece a sympathia do Imperador: elle via a esperança crescer, o espirito publico emancipar-se, a nação despontar através das fendas da classe governante, os escravos sentirem-se homens, quasi cidadãos.

Tiveram lugar as eleições. O marechalado do partido retrahiu-se em parte; em parte foi á batalha com reservas mentaes para depois da victoria; e em parte rompeu com o general promovido ao commando em chefe. Em muitos pontos o partido dividiu-se, e sendo as influencias eleitoraes grandes proprietarios de escravos, surgiu um liberalismo hybridado, alliado ao esclavagismo, e que em toda parte excedeu em zelo e audacia de vituperação aos proprios Conservadores, os quaes não precisavam de tanto esforço para recommendar-se á escravidão.

Aproveitando a divisão dos Liberaes, os Conservadores elegeram uma grande minoria, sob o censo actual, que se

póde chamar o censo de senhor de escravo. Os Liberaes escravistas por seu lado foram eleitos em diversos districtos. Formou-se então o pacto entre Dissidentes e Conservadores. Um enthusiasmo estranho animava essa alliança *pro aris et focis* da escravidão invadida. Era preciso salvar o chão sagrado das fazendas: tal grito elevou o Sr. Moreira de Barros, com oito votos Liberaes, á presidencia da Camara; fez do Sr. Affonso Penna o oraculo das depurações, e deu ao Sr. Andrade Figueira o commando das forças alliadas.

\*  
\* \*

Ao mesmo tempo que o partido Conservador adquiria o contingente de que precisava para os seus fins, o ministerio recebia do povo as maiores demonstrações de sympathia. Os nobres e aristocraticos adversarios do Sr. Dantas, descendentes quasi todos de senhores de engenho e fazendeiros, quando chegavam ás janellas da Camara e viam uma d'essas manifestações populares, não descobrindo chapéos altos nem sobrecasacas, mas, n'um relance, pés no chão e mangas de camisa, diziam sómente « *Aquillo* não vale nada, é a *canalha* ».

Talvez, mas o nosso povo é isso mesmo, é um povo de *pés no chão e mangas de camisa*, e não é um povo branco. N'esta cidade se se visse uma grande *manifestação* popular segundo as idéas d'essa alta nobreza de tolerancia, seria uma manifestação de estrangeiros. Refractaria como ella é ás idéas liberaes, por ser o mercado do café escravo, encravada na unica provincia verdadeiramente escravista do Imperio, e além d'isso fornecedora da lavoira, de escravos e mantimentos, esta capital, no segundo reinado, não tem feito senão desnacionalizar-se. Na grande contextura das suas ruas e bonds as correntes de sentimento publico são todas frias plutocraticas, commerciaes; o Rio de Janeiro não é uma cidade como o Recife ainda é, e como ella foi até á guerra

do Paraguay: hoje o coração Brasileiro só bate aqui forte, livre, e também inconsciente, n'essas camadas espontaneas e quasi infantis, que os Conservadores, os quaes não respeitam senão o dinheiro qualquer que fosse a sua origem, chamam a *Canalha*.

Era com effeito um escandalo! Depois de tres seculos de escravidão soffrida sem um murmurio, o povo Brasileiro — descendente de escravos em sua maxima parte — chegou a ter a ousadia de dar *vivas* á abolição!

\* \*

Taes orgias não podiam continuar. A paz publica estava perturbada. O presidente da Camara foi objecto de uma vozzeria nas ruas. E que ha de extraordinario em que á minima excitação malevola os analphabetos, os escravizados, os esquecidos da nossa sociedade cheguem ao extremo de apupar? O rei de Hespanha entrou em Pariz debaixo de uma tempestade de assobios; mas era sómente o rei de Hespanha e por isso o gabinete Ferry continuou. Em nenhum outro paiz se daria a uma ligeira pateada publica o alcance de uma revolução, nem se faria de uma *vaia* o objecto theatral da maior solemnidade do Parlamento — a moção de desconfiança.

\* \*

Mas por isso mesmo foi o que aconteceu. Alguns irreflectidos quando sahia da Camara um deputado atiraram-lhe uns projectis. Aquelles falsos amigos do Abolicionismo não sabiam que estavam lançando a faisca á mina que nos havia de fazer saltar todos. Nos dias seguintes o Senado e a Camara apresentavam o aspecto mais ridiculo possivel. A Legislatura estava em convulsões. A Convenção Franceza invadida pelas Secções não se teria sentido mais ameaçada. Dir-se-ia que os escravos tinham-se apoderado da capital; que uma

esquadra Ingleza estava no porto de morrões accesos; que o Sr. Dantas fizera o Imperador prisioneiro e ia decretar a abolição immediata.

A falsa indignação dos Conservadores e a ingenua indignação dos Dissidentes explodiram primeiro, juntas, no Senado. O Sr. Soares Brandão foi quem deu o signal do panico fingido, desenrolando a historia das scenas selvagens preparadas pelo Sr. Dantas para influir na verificação dos poderes! O nobre senador pedia uma especie de *habeas-corpus* moral para os depuradores da Camara, e dava ás ridiculas vaias da rua Primeiro de Março o character de uma tragedia, como o assassinato de Apulcho de Castro. O Sr. Paulino de Souza levou para o Senado a narração do presidente da Camara, fez um alto elogio ao deputado desrespeitado, descreveu o estado da capital entregue ás manifestações abolicionistas, — mais degradantes para a nossa civilização do que as surras de escravos no interior das casas — e aos assobios da *canalha* — mais horripilantes do que o silvo do azorrague, — e estabeleceu a sua theoria do governo das *classes altas*. O Sr. Teixeira Junior, n'um exordio Catilinario, appellou para o Senado, dizendo que precisava imperiosamente de partir para a Europa no dia seguinte e não podia deixar sua mulher e seus filhos confiados á guarda do Sr. Dantas, o qual alem do mais estava fazendo o cambio baixar vertiginosamente! O Senado ouvia tudo isso ancioso, com palpitações que deviam ser dolorosas para um coração atrophiado, e quando o reu ministerial levantou-se e começou com um certo desdem a sua defesa, todos comprehenderam que o ardil surtira o effeito, que o ministerio abolicionista estava por terra, a escravidão vingada, e o espantallo da Ordem publica cuidadosamente recolhido pelos Conservadores para afugentar outra vez do poder os passaros Liberaes. No dia seguinte o Sr. A. de Siqueira mudou de bancada na Camara e, como tudo dependia de um voto, esse peso deslocou o ministerio.



Derrotado o gabinete Dantas, por um voto, o Imperador mandou chamar o Sr. Saraiva. Dentro de poucos dias tudo estava mudado em nossa politica. O ministerio Saraiva era a reacção no momento mais acceso da lucta. Na vespera estava a emancipação no poder; no dia seguinte estava a escravidão. Esse foi o primeiro, o grande, o fatal erro do Imperador — o erro de arrepender-se, de inutilizar a obra começada, de paralyzar o movimento nacional.

Quando a Camara derribou o Sr. Dantas o Imperador devia tel-o sustentado, senão por elle mesmo, por sua idéa, — a bandeira sob a qual se tinha travado a lucta eleitoral em urnas levantadas defronte das fazendas e dos engenhos, no Campo Santo onde descancam esquecidas milhões de victimas innocentes!

\*  
\*.\*

Todos sabíamos que a Dissidencia e os Conservadores desejavam um gabinete Saraiva. Este homem de Estado, a historia o dirá, teve em suas mãos a sorte dos escravos, a solução honrosa do maior problema de nossa patria! O seu prestigio — o maior prestigio politico d'esta geração — teria envolvido no seu brilho a dedicação e a popularidade do seu predecessor, e o nome de todos que temos luctado no mesmo terreno, precursóres, iniciadores, propagandistas da abolição, se elle tivesse querido plantar o marco redemptor no ponto sómente a que já havia chegado a nossa conquista! Infelizmente o Sr. Saraiva subiu prevenido contra o seu antecessor, contra os que haviam por um dever de honra sustentado a este, e contra todo o movimento da opinião durante o ministerio Dantas.

Não tenho o minimo dado para especificar o motivo d'essa prevenção, que me limito a affirmar. Essa materia é muito delicada e eu não tenho vontade de improvisar uma

theoria psychologica, para explical-a, sobre o eminente senador, a quem não quizera fazer uma injustiça em ponto tão grave. É preciso, porém, justificar-nos a nós mesmos.

Em 1884, quando cahiu o ministerio Lafayette, o Imperador chamou o Sr. Saraiva, que desde 1878 tem no paiz a posição de homem necessario. O Sr. Saraiva não acceitou, allegando que não podia com a Camara existente fazer passar uma lei de emancipação. O motivo era grande, o pretexto era fraco. O que queria elle recusando? Que subissem os Conservadores? Que outro fizesse uma Camara para elle? Que o Imperador lhe offerecesse a dissolução? Ninguem sabe.

Mas desde que o Sr. Saraiva não acceitou o poder, e foi chamado o Sr. Dantas, o que havia de fazer este? O Sr. Dantas organizou, para que o governo não passasse aos Conservadores, e porque sentia-se com forças para prestar um grande serviço ao paiz. Com o sentido nas eleições, alguns queriam que elle guardasse o seu projecto para depois d'ellas: do ponto de vista moral, teria sido um estratagemma indigno; do ponto de vista politico, teria sido uma ingenuidade; mas do ponto de vista abolicionista teria sido o maior dos erros. Apresentado o projecto, o que aconteceu foi muito natural. A esse primeiro abalo o partido fendeu-se de alto a baixo (sobretudo no alto, em baixo a fenda foi quasi nenhuma); aos delirantes applausos de um lado responderam as recriminações excessivas do outro; travou-se uma guerra civil de odios e de injurias, e o Primeiro Ministro achou-se envolvido n'um turbilhão de paixões contrarias e furiosas, como teria sido qualquer outro *Liberal*, que fizesse o que elle fez, ou muito menos do que elle fez, *no momento em que elle o fez.*

A um estadista d'esse alto patriotismo, o partido Abolicionista não podia deixar de prestar o seu illimitado concurso. O ponto a que elle pretendia levar o paiz ficava no começo da nossa estrada, mas se era a bocca mesma da rua que estava defendida pelas melhores peças da escravidão,

porque não o ajudarmos a destruir essa primeira resistencia, que, se nos figurava, tambem seria a ultima? Pelo seu lado, vilipendiado pelos proprietarios, cujos interesses elle tinha religiosamente consultado e querido salvar, abandonado pelos melhores d'entre os seus amigos, combatido por uma alliança que no systema eleitoral directo collocava o governo em toda parte a mercê dos desertores do partido, o que podia fazer o Sr. Dantas senão acceitar o concurso, incondicional, ainda que um tanto adventicio, d'esses voluntarios que corriam, sem laços de partido ou pessoas com elle, a defendel-o da hoste dos seus inimigos selvaticos e mentirosos?

Qualquer que fossem os seus motivos intimos, o Sr. Saraiva levou isso a mal, e formou o gabinete com espirito não só de desconfiança, mas de aggressão, e hostilidade a toda a politica, e cada um dos auxiliares e defensores do anterior ministerio. Isso o obrigava desde logo a apoiar-se no partido Conservador, e portanto, a afastar-se do Liberal, que em massa se havia identificado no paiz com o Sr. Dantas e lastimava a sua quêda como um desastre nacional.

\*  
\* \* \*

O que se seguiu todos sabem. A maioria Liberal da Camara assistiu á apresentação do gabinete Saraiva como a um triumpho Conservador. Desde o principio o Presidente do Conselho voltou as costas aos Liberaes e mostrou que elle representava energicamente a coalisção triumphante. As depurações continuaram, provando que a alliança sobrevivia, encarnada agora no Gabinete. A Mesa da Camara Liberal era eleita por votos Conservadores. A direcção da Camara era Conservadora. A Escravidão sentira que era preciso fazer alguma coisa, ceder algum terreno, tirando o maior proveito possivel da transacção, e por isso, com as emendas restrictivas do Triumviato e a resistencia resignada do Sr. Andrade Figueira, que sómente queria salvar a sua coherencia (sem pensar

ainda na candidatura de seu filho por Goyaz) passou afinal na Camara o projecto Saraiva, a nova lei.

\*  
\* \*

Antes mesmo de votada a redacção, o presidente do Conselho, surprehendendo os seus collegas e lançando a maior confusão entre os seus aliados, demittiu-se. O motivo d'essa demissão tambem não é conhecido, mas o Sr. Saraiva não teve a idéa, demittindo-se, de fazer a lei passar tal qual, nem mesmo podia prever, com toda a sua experiencia que tal seria o resultado pratico da demissão. Elle retirou-se, eu supponho, desgostoso de sua lei e dos seus auxiliares. Um homem da sua tempera, não podia succumbir á opposição que elle mesmo deliberadamente provocou, e muito menos a aggressões pessoaes, de que elle foi menos victima do que outro qualquer Liberal.

Muito provavelmente elle viu que se estava gastando em uma obra inexequivel e odiosa, e que os seus aliados, uns eram intitulados Liberaes que o tinham ido procurar no seu retiro para desacreditarem com o prestigio d'elle a phase mais brilhante do partido, e os outros eram os Conservadores, — os quaes consideravam a lei uma fantasia legislativa, organicamente imprestavel para a emancipação. De facto, como monumento do liberalismo constructivo dos nossos estadistas, esse Labyrintho Africano póde ser conservado ao lado do Pagóde Chinez como a A e o Z do nosso alphabeto democratico. O illustre Primeiro Ministro sentiu que não valia a pena continuar a promover uma lei que não seria executada; que era em relação á liberdade ao mesmo tempo um subterfugio e um estellionato; que promettia aos senhores o que não podia dar-lhes, sómente para tirar aos escravos o que se lhes tinha promettido; que a escravidão inteira do paiz acceitava como lettra-morta em tudo que a restringia, e uma reivindicacão em tudo que a ampliava.

Esse desanimo do homem de Estado, que vê a sua acção individual aproveitar não aos que elle queria beneficiar, mas aos adversarios de suas idéas, convertidos por interesse proprio em auxiliares de sua politica, actuou, penso eu, no espirito do Sr. Saraiva quando elle demittiu-se, mais pelo menos do que a *segunda vista*, o sentido prophético que lhe emprestam, de ter querido garantir com a sua retirada a votação integral do projecto.

\* \* \*

Quando o Sr. Saraiva deixou o poder, o Imperador achou-se no ponto a que desejava chegar — naturalmente, ou melhor, queria que a opinião o levasse, isto é, frente a frente com os Conservadores. Os Srs. Cotegipe e Fleury foram ao Paço, conversaram com S. M., tiveram ordem de ir conversar com os seus amigos; o Sr. Paranaguá, ministro do gabinete cahido, foi chamado, recusou como era natural, previsto e sabido; o Sr. Cotegipe foi encarregado de organizar, e o partido Conservador recebeu o premio de bôa conducta por ter apoiado o projecto-Saraiva.

O ministerio Conservador só não governou com a camara Liberal *porque não quiz*. A alliança de 1885 havia desmoralizado profundamente o nosso partido dentro do Parlamento. Se os Conservadores allegassem qualquer pretexto mais ou menos decénte, teriam achado os votos de que precisavam. Um grupo em suas feições Cearense, mas de inspiração Alagôana, tinha manifestado as maiores afinidades para os Conservadores que lhe deviam a sua ascensão. O partido Liberal uma vez em opposição teria naturalmente que agitar grandes reformas, o que bastaria para explicar o prolongamento da alliança. Mas o governo tinha necessidade de outra Camara e, ainda que disposto a ser generoso nas eleições com aquelles bons amigos, não queria mais depender d'elles.

Antes de dissolver, o ministerio obteve do Senado a lei.

O Senado não podia emendar: estava vinculado ao pacto anterior! A discussão, apesar de notáveis discursos dos Srs. Affonso Celso e José Bonifacio, não teve dignidade. A lei passou tal qual. Nomearam-se os presidentes e fizeram-se as eleições. Foi eleita uma Camara quasi unanime, na qual talvez a maioria dos poucos liberaes seja dos mesmos que prepararam a subida dos Conservadores, ou que a acceitaram de bom grado para castigar o abolicionismo do partido. Esta é a situação de hoje.

\* \* \*

Agora o resumo.

Os factos que ahi vão fielmente narrados e os que para não alongar deixei de referir com elles, são principalmente os que se seguem.

Primeira phase: O Imperador em 1884 chama o Sr. Dantas ao poder; dissolve a Camara a pedido d'elle; vê as eleições travadas no terreno, exclusivamente, da emancipação; observa que a escravidão divide o partido Liberal e une o partido Conservador, e só d'esse cimento negro resulta a segurança da alvenaria opposicionista; vê do outro lado a esperança nacional manifestar-se de todos os modos, por um enthusiasmo novo no paiz. É a phase da Lucta.

Segunda phase: As eleições têm logar; o Imperador vê a phalange escravista unida como um só homem constituir a Camara e derribar o ministerio Dantas, e chama ao poder o Sr. Saraiva. A escravidão abalada triumphá; os Conservadores sentem-se no poder; a alliança consolida-se e resulta em um projecto de lei satisfactorio para a lavoura e oppressivo para os escravos; quando esse projecto passa na Camara, o Sr. Saraiva demitte-se. É a phase da Capitulação.

Terceira phase: O Imperador, depois de uma tentativa Liberal manifestamente fingida, chama os Conservadores e impõe-lhes desde logo um programma: fazer passar o projecto

tal qual foi votado na Camara. A lei passa nas duas Casas. O movimento abolicionista decresce em todo o paiz. O periodo eleitoral é em toda a parte a livre vindicta da escravidão. Os escravos são perseguidos. A lei não é executada. As eleições dão uma Camara Conservadora quasi unanime. É a phase da Reacção.

\*  
\* \*

Quem escreve estas linhas não é inimigo partidario nem desaffecto pessoal do Imperador, muito pelo contrario, e, assim como sempre falla respeitosa e do Chefe do Estado, desejara poder occupar-se da politica do paiz sem envolver a alta personalidade que a Constituição neutralizou, tornando-a irresponsavel. Mas seria evidente hypocrisia commentar os grandes factos, a architectura do reinado, sem considerar a acção do Imperador, que se não é tudo em nossa politica, é quasi tudo. O presente opusculo é pequeno demais para conter o desenvolvimento da seguinte idéa, mas do que eu accuso o Imperador quando me refiro ao governo pessoal, não é de exercer o governo pessoal, é de não servir-se d'elle para grandes fins nacionaes. A accusação que eu faço a esse despota constitucional, é de não ser elle um despota civilizador; é de não ter resolução ou vontade de romper as ficções de um Parlamentarismo fraudulento, como *elle sabe* que é o nosso, para procurar o povo nas suas senzalas ou nos seus mecambos, e visitar a nação no seu leito de paralytica.

\*  
\* \*

Eu mesmo tenho feito justiça (vide *O Abolicionismo*, pag. 83) aos pallidos e intervallados esforços do Imperador, tanto para a suppressão do Trafico como para a libertação dos nascituros. O que se tem feito por lei é devido *principalmente* a elle, mas o que a lei tem feito é muito pouco, é realmente nada, quando vemos que esse é o resultado de quarenta e seis annos de

reinado e comparamos o que se salvou do naufragio com o que se perdeu e se está perdendo! A historia ha de difficilmente conciliar a intelligencia esclarecida, a vasta sciencia do homem côm a indiferença moral do Chefe do Estado pela condição dos escravos no seu paiz. A este respeito eu não podia agora senão repetir o que disse de S. M. na Camara dos Deputados commentando a quêda da situação Liberal.

« Elle, Sr. presidente, disse eu, nunca teve que preoccupar-se, como o Czar da Russia com a vida dos seus filhos; como o rei constitucional da Hespanha com a explosão simultanea do Carlismo no norte e da Republica do sul; como os reis de pequenos Estados, a Belgica a Hollanda, a Dinamarca, com o crescimento de uma grande nacionalidade vizinha; como a Rainha da Grã-Bretanha, com o separatismo e o nacionalismo irlandez; como os outros imperadores, com as combinações de forças rivaes e alianças possiveis. Não, entre nós não existem nem carbonarios nem nihilistas; não temos receio de absorpção, nem de desmembramento, nem de colligações. Um unico problema, social e portanto individual para quem representa a sociedade como elle, foi imposto á attenção do monarcha brasileiro: o de governar sobre um paiz sem escravos. O que se lhe pedia é o que o mundo tem pedido ao sultão da Turquia, ao vice-rei do Egypto, ao imperador de Marrocos, ao regulo de Zanzibar. Desde 1840 elle não teve outra missão, não foi chamado a outra tarefa, e no entanto, Sr. presidente, o indifferentismo do Imperador pela escravidão não podia ser maior. Elle habituou-se a ella; perdeu de vista o ideal de uma nação livre; esqueceu-se de que seu genro foi libertar os escravos do Paraguay; que o mundo lhe dava a reputação de um Marco Aurelio; não invejou a gloria de Leopoldo II da Belgica — elle que foi tanto comparado a Leopoldo I — de fundar, pela sua iniciativa e seu esforço, um Estado livre no coração da Africa para extinguir eternamente as fontes da escravidão da côm. Esse problema, que é de



dignidade para a nação mas de vergonha para o throno — essa tarefa divina e humana, que os dois grandes Libertadores, o do Absolutismo e o da Republica, Alexandre e Lincoln, resolveram em 24 horas, o Imperador do Brazil não lhe deu um minuto de suas preoccupações, não correu por ella o menor riscó, e passou 45 annos sem pronunciar sequer do throno uma palavra em que a historia pudesse ver uma condemnação formal da escravidão pela monarchia, um sacrificio da dynastia pela liberdade, um appello do monarcha ao povo a favor dos escravos.

« Nada, absolutamente nada, e hoje que os dez proximos annos, os ultimos da escravidão, serão provavelmente tambem os ultimos do reinado, n'esse espaço de tempo que equivale ao antigo *Interregnum* das monarchias electivas, porque nas monarchias populares, a despeito de todos as Constituições escriptas, é então que se firma definitivamente o direito de successão, o Imperador, no meio da agitação abolicionista e no dia seguinte ao das eleições mais disputadas que já houve n'este paiz, substitue o partido, que se apresentou ao eleitorado, em nome da liberdade, chamando a si o patrocínio dos escravos, pelo partido que não se propoz outra cousa n'este parlamento senão ser o agente e o defensor da escravidão, isto é, volta-nos as costas, a nós que fomos accusados de ter feito um pacto com elle, no dia da derrota que devia ser commum e fallar á lealdade de um poder... que não póde deixar de ter consciencia de que, sacrificando-nos pelo paiz e pelos escravos, estavamos servindo directa, ainda que desinteressadamente, á causa do unico throno Americano. » (Sessão de 24 de Agosto de 1885).

\*  
\* \*  
\*

A conducta dos pensadores da escravidão, votando a lei Saraiva, foi um plano de defesa admiravel.

O partido Conservador revelou verdadeiro genio estrategico, e ao mesmo tempo grande superioridade ás superstições da honra

politica, em todos os seus movimentos na questão abolicionista. Quem quer que seja o espirito director d'esse partido, é forçoso admittir que elle conhece bem a orographia do poder, e só leva comsigo a bagagem moral precisa para viajar n'essas montanhas. Não pôde haver, na simples politica do Successo, nada mais perfeito do que foi: levantar, primeiro, a escravidão inteira contra o abolicionismo, receber o apoio solidario e compacto da agricultura unida, saccar illimitadamente sobre a riqueza nacional accumulada, e depois da victoria d'essa intransigencia da Propriedade contra o Communismo, d'essa Cruzada dos Homens de bem contra Os que não têm nada a perder, ceder de repente, apresentar uma reforma como ainda mais adeantada que o projecto que originou a guerra civil, tudo para galgar o poder e cunhar moeda para a escravidão com os proprios sentimentos abolicionistas do paiz! A Providencia é indifferente, n'este mundo, á prosperidade do mau; ella mesmo para não tocar na belleza da virtude, diria Renan, parece alegrar-se em deixar os premios da vida (quaesquer que sejam as recompensas da morte) não aos bons, mas aos expertos. O partido Conservador sabe que a nossa Providencia politica é da mesma escola, talvez para não diminuir a somma do desinteresse nacional que sustenta a monarchia.

A politica não entrará na Arte de Furtar, mas é a Arte de Aproveitar, e d'essa arte a obra-prima ficará sendo a maneira por que o partido Conservador utilisou-se d'essa questão dos escravos; a soberba indifferença com que elle viu, em toda essa grande humilhação e ainda maior dôr dos Brasileiros, apenas uma feliz oportunidade para si; a certesa de visão longiqua com que se despenhou sobre a carniça humana extendida pelo nosso territorio e a serenidade com que a está digerindo no seu escondrijo tumular. A segurança de todos esses movimentos faz crer que elle teve sempre quem o guiasse inspiradamente, consultando o Oraculo.

11

O eclipse do abolicionismo na reacção Conservadora era inevitavel, e inevitavel tambem a prostituição eleitoral, a perseguição dos escravos, a paralyisia da lei. \*

A situação Liberal, é preciso dizel-o, foi um periodo de apostasias e desfallecimentos no poder, mas foi tambem um grande periodo de agitação no paiz. Ella perdeu-se pelo que produziu, mas ha de ser salva pelo que semeou. Apesar do tudo foi uma epoca de vida e de movimento, em que os governos pelo menos apparentavam respeitar a opinião. Hoje o espirito que sopra sobre o paiz é um espirito de mercantilismo, de estupidez, e de indifferença moral. O ideal Conservador entre nós é a estagnação no embrutecimento, o rancor no exclusivismo, o silencio na corrupção. A nação ia despontando, hoje não se atreve mais a murmurar. É o reinado da escravidão soberana, da autoridade discricionaria, da força bruta e irresponsavel.

O Brazil voltou a ser um mercado de escravos, em alta ; os captivos perderam o começo de apoio que iam encontrando na magistratura ; a agitação dos espiritos está sendo substituida pela sombria resignação ao triste destino presente do Brasileiro ; as finanças ficarão reduzidas ao que lhes pôde dar o espirito Conservador, que é unicamente uma liquidação ruinosa, porque sómente grandes reformas sociaes podem restabelecer o credito publico ; a centralização terminará sua obra de ruina das provincias, ao passo que a intolerância facciosa do governo tratará em toda a parte, na marinha como no exercito, na engenharia como na magistratura, na vida publica como na privada, os Liberaes Independentes como Excommungados da Idade Média.

Pois bem, o culpado de tudo isso é principalmente o Imperador, porque quando era preciso caminhar resolutamente

---

\* (Ver nas seguintes brochuras — *O Eclipse do Abolicionismo, A Prostituição Eleitoral, A Perseguição dos Escravos, Porque continuo a ser Liberal*, o desenvolvimento do meu pensamento.

para deante, elle voltou para trás; quando o paiz anceava por idéas novas e um espirito de governo novo, elle só pensou em dar arrêas á escravidão e em reconciliar-se publicamente com ella, sujeitando-se á penitencia humilhante que ella lhe impoz como ao seu primeiro vassallo.

Quem reflecte que o throno do Brazil descança, como todas as instituições do paiz, sobre camadas de gerações inteiras de captivos, custa a comprehender que o homem de bem que n'elle se assenta não tenha ás vezes uma impressão de tristeza ou de misericordia, pensando no que a nossa escravidão continuará a ser por muito tempo ainda — *somente porque elle o quiz*. Em 1885 um acto, uma palavra do Imperador teria vencido a resistencia enfraquecida do esclavagismo, que se extenuou derribando o ministerio Dantas. Em vez d'esse acto ou d'essa palavra S. M. fez exactamente o contrario: dissolveu a Camara com a resolução formada de entregar o paiz á reacção escravista, sacrificando assim á desforra da escravidão a honra do seu reinado!

O que está acontecendo: essa Camara quasi unanime, esse abatimento do animo publico, essa multidão de Novos Conservadores que nas provincias pullulam como vermes, essa paralysação subita da esperanza, e apenas, como contraste, o novo Exodo de tantos Liberaes para a Republica, são o desenvolvimento natural da acção directa e exclusiva da Corôa — suspendendo o movimento abolicionista, e reanimando as pretensões, mesmo as caducas e prescriptas, do esclavagismo, ao ponto de revogar a lei de 28 de Setembro em seus mais sagrados compromissos.

Ao acto magestático de 19 de Agosto de 1885, ao Testamento Imperial que, desherdando os escravos, fez do partido Conservador o fidei-commissario da Monarchia, ao Golpe de Estado que restituiu ao espirito escravista a posse da geração contemporanea, que se havia quasi libertado d'elle, eu chamo — o Erro do Imperador. É possível porém que a historia,

---

contemplando a somma *incalculavel* de injustiças, soffrimentos, oppressões e martyrios, que hão de assignalar á sombra da Nova Lei esta phase da recrudescencia da escravidão, e observando deante d'esse spectaculo enlouquecedor a tranquillidade olympica de quem preside a elle diariamente, pense que o erro politico quando envolve uma infinidade de crimes d'essa ordem, é o maior de todos elles.

---



# REGISTO POLITICO

18 de Fevereiro de 1886.

## *Um baptismo de sangue.*

Os jornaes de Goyaz ainda não trazem o resultado da candidatura do Dr. Andrade Figueira pelo 2.º districto, mas referem a tragedia de S. José do Tocantins, onde a força publica interveiu na eleição e deu-se um grave conflicto, morrendo n'elle o commandante da força alferes Pacheco e dois mesarios Liberaes altamente conceituados, o fazendeiro capitão Antonio Martins e o alferes Benicio Tavares, chefes de numerosa familia. A presença da força publica nas eleições é prohibida por lei. No collegio de S. José do Tocantins havia o proposito dos Conservadores de annullar a eleição, a mão armada, por ter n'elle o candidato Liberal mais de cem votos. O presidente, o deputado Cruz, do Pará, foi avisado a tempo de que o resultado d'esse emprego da força em S. José do Tocantins podia ter tristes consequencias. Elle, porém, não sabendo que o character passivo, como é o do nosso povo, não é incompativel com impetos de desforço, provavelmente não acreditou.

\* \*

Em Jaraguá, outro collegio de grande maioria liberal, o juiz de direito interino, um Dr. Pitaluga, fugiu na vespera da eleição para a capital (passando a vara) tendo feito desaparecer o alistamento, pelo que não houve eleição. Es-

peram-se noticias de Cavalcanti, Palma e Bôa-Vista com receio de peores successos. O joven Dr. Andrade Figueira será talvez eleito á vista dos meios empregados, mas, se o fôr, a eleição será annullada para elle ser de novo eleito sem violencias. Conhecida a força do candidato, os Conservadores esperam que o partido Liberal Goyano não se exponha a uma segunda razzia eleitoral, como elles sabem fazer. N'isso talvez se enganem, e só consigam barbarizar a provincia. A falta do Dr. Bulhões Jardim na Camara seria uma perda sensivel para o liberalismo adeantado, ao qual elle serviu sempre com tanta firmeza quanta intelligencia.

## *A Odysséa de um escravo.*

Um facto muito commum, a prisão de um escravo chamado Honorio, impressionou ha pouco esta cidade como se fôra extraordinario. Os jornaes abolicionistas commettem um erro tratando casos d'esses como excepçoes, quando são de todos os dias. Honorio fugiu da casa do seu senhor, o Dr. Alfredo Ellis, fazendeiro em S. Paulo, e esteve n'esta côrte tres annos como conductor de *bonâ*, vivendo como homem livre, até que o dono sabendo expediu ordens para ser elle preso e levado para S. Paulo. O procurador do Dr. Alfredo Ellis, o negociante Portuguez Eduardo Gomes Ferreira, da rua de S. Pedro n.º 1, obteve ordem da policia

para a captura de Honorio (a Policia se se tratasse de outra qual-quer propriedade, faria ella mesma a apprehensão, mas tratando-se sómente da propriedade — escravo, que pôde ser bem ou mal apprehendida, ella delega em particu-lares as suas funcções), e com essa ordem mandou um Manoel Pe-reira Nobrega, malsim de escravos, prender Honorio em Sepetiba. No-brega, ajudado por um empregado do Dr. Ellis, segundo depõe, ap-preendeu Honorio em Sepetiba mesmo, e trouxe-o para esta côrte d'onde elle foi transportado para S. Paulo por Nobrega e um Pedro Felippe Floret, empregando os agentes os meios mais violentos na estação de S. Diogo e no caminho de ferro. N'esta cidade, quando Honorio estava no xadrez um ne-gociante o Sr. Luiz Antonio Pe-reira foi á Policia, procurou vel-o, soube que elle tinha tido um pecu-llo de 300\$000 que um individuo por nome Bezerra dissipara, in-formou d'esse facto ao terceiro de-legado, o Dr. J. Mancel Carlos de Gusmão. Eis como o proprio Dr. Gusmão narra as suas communica-ções posteriores com o protector de Honorio (os *gryphos* são do de-legado.)

« As 5 horas da tarde appareceu o Sr. Pereira no Hotel Royal, onde me achava, e pediu-me in-formações sobre a condição ou es-tado de Honorio: disse-lhe que, sendo Honorio escravo, iria como tal para o poder de seu senhor.

« Retirou-se o Sr. Pereira e mi-nutos depois regressou ao hotel, dizendo-me que dois negociantes d'esta praça o haviam incumbido de me pedir conselho sobre o que se devia fazer com relação a Ho-norio; respondi-lhe que, como au-toridade, me era vedado aconselhar ás partes, que perante mim reque-riam, e acrescentei: *Entenda-se com um advogado qualquer, que este o orientará do que deve fazer a bem de seu protegido, que, consta-me,*

*será conduzido amanhã de manhã para S. Paulo.*

« Ouvido isso, despedio-se o Sr. Pereira e retirou-se dizendo que ia aconselhar-se com o Sr. Dr. Si-zenando Nabuco, e não me appa-receu mais. »

No dia seguinte o escravo foi despachado para o Rio Claro pela lei de ferro do Dr. Gusmão, que não quiz esperar o resultado dos esforços do Sr. Pereira.

Antes porém de chegar Honorio á fazenda, foi depositado, por um generoso esforço de diversos aboli-cionistas, o seu valor, e o escravo voltou para a côrte, onde referiu a historia dos seus soffrimentos n'es-ses poucos dias, que deviam ter sido para elle tão crueis como as ultimas horas do condemnado á morte. O Dr. Alfredo Ellis disse pela imprensa, que em sua fazenda Honorio era feitor, tinha um salario mensal, nunca soffreu o mais insignificante castigo, e accumulou 500\$000. Isso mostra que o Dr. Al-fredo Ellis é um bom senhor, mas um bom senhor devia levar a sua bondade ao ponto de não fazer prender Honorio tres annos depois de fugido, desde que a captura de um escravo em taes condições não pôde deixar de ser acompanhada de crueldades que não se deve in-fligir a um inimigo, quanto mais a um escravo.

O artigo do Dr. Ellis conclue, sentimos registal-o, d'esta fórma:

« Antes de terminar, porém, vou occupar-me dos unicos crimes que commetti:

« 1.º Ter *inconscientemente* des-manchado o idyllo que, mansa e pacificamente, desenrolava-se na poetica Sepetiba, entre os novos representantes das boas e honestas familias Montecchios e Capuletos.

« 2.º Ter sido *involuntaria* causa de ficarem os freguezes do apaix-onado Romeu privados, por al-guns dias, no menu diario, da ração de peixe que lhes fornecia.



« São esses os meus delictos e peço indulgencia. »

Essas ironias da parte do senhor contra um antigo escravo, são improprias da gravidade do dominio. Renan qualificou a alegria de « singular esquecimento do destino humano e de suas condições. » A alegria do senhor é um singular esquecimento da tristeza da posse de escravos. Enquanto bons senhores não virem o lado triste, para elles ainda mais que para os escravos, da escravidão, o problema estará longe de ser resolvido. Os factos relativos á captura de Honório são muito dolorosos; o officio da Policia em todas essas caçadas nocturnas e deportações matinaes de escravos, é um emprego que, como o de carrasco, devia não achar quem o quizesse; mas é um erro fallar de taes factos como se elles fossem raros, quando são diarios, constantes, e os peores não têm publicidade.

#### *Morte a fogo lento.*

Uma senhora de Botafogo chamada Francisca da Silva Castro, passou pelo desgosto de ver fugir-lhe do seu laboratorio de physiologia uma sua escrava em quem ella praticava diariamente a viviseccão, talvez para verificar até onde uma escrava pôde soffrer sem dar ao senhor o prejuizo de morrer. Essa escrava conseguiu fugir, para o que devia ser dotada de energia superior, tão contrario é entre nós o resultado de appellar o escravo sevicido para a justiça, e foi mostrar-se ao Sr. José do Patrocinio, cujo nome adquiriu para os opprimidos da escravidão o sentido de valimento.

O redactor da *Gazeta da Tarde* levou a infeliz martyr ás diversas redacções e á policia. Infelizmente ella não era a unica victima de sua senhora. Outra escrava, por nome Joanna, foi tambem desco-

berta n'esse carcere privado, se fosse somente carcere! da praia de Botafogo, mas essa não sobreviveu muitos dias á tortura. Acaba de fallecer. O Brazil não é mais o paiz onde Darwin, na sua immortal viagem, confessou-se horrorisado com os gemidos e gritos dos escravos açoitados no interior das casas: hoje não se ouve mais em nossas ruas aquella orchestra infernal, mas quanto soffrimento surdo, quanta morte lenta, não se está passando em bairros chamados aristocraticos? Stuart Mill definiu a escravidão quando disse que ella era a unica instituição social que para existir precisava de matar.

#### *A Policia da Côte e os escravos.*

A imprensa do Rio é unanime em pedir a demissão do chefe de policia, o qual parece ser fortemente sustentado pelo Ministro da Fazenda.

O Sr. Coelho Bastos não quer reconhecer a esta cidade o privilegio de capital do Imperio, de parecer civilisada. Elle interpreta a lei, como um doutor do velho Talmud negro, pouco lhe importando que o Rio de Janeiro apresente os mesmos espectaculos que qualquer cidade Africana na estrada das caravanas do Trafico. O principal dever da policia, para elle, é perseguir escravos e fazer respeitar a escravidão. Para isso o dinheiro das verbas secretas está sendo empregado em diffamar Abolicionistas, cujo desinteresse na defesa dos escravos é incontestavel, como o Sr. João F. Clapp. Nas mesmas columnas do *Jornal*, em que o Sr. Dantas fazia fulgurar o talento e vibrar o coração de Clarkson, a policia está hoje educando em seus exemplos uma serie de escriptores, nenhum dos quaes ousaria assignar-se abaixo dos seus escriptos tão deshumanos e crueis são estes.

Os cofres publicos estão assim fazendo a mais triste de todas as propagandas: a da caçada de escravos fugidos. A cobardia das autoridades n'essa questão está em que ellas não ousam proceder contra os que acoitam, mas sómente contra os acoitados. A nova lei fez do acto de acoitar escravos uma especie de furto. Pois bem, porque a policia não procede contra os abolicionistas, que *pregam* esse crime? Na *Gazetilha* o *Jornal do Commercio* pareceu ha dias ver um delicto moral em um cidadão confessar que acoitava escravos. Não é crime o que a lei quer. Para o crime é preciso o elemento moral, e em quanto « Não matará » fôr um mandamento da lei de Deus, acoitar o escravo perseguido não será crime. É por isso que ninguem se atreve a verificar a moralidade da lei, levando um abolicionista ao jury.

—  
José Marianno.

Acabo de receber os ultimos telegrammas do Recife annunciando a victoria de José Marianno no segundo escrutinio. Incontestavelmente eleito no primeiro, elle não se devia ter sujeitado a essa comedia; mas concorreu para não parecer que receiava um segundo desafio do seu contendor.

Apezar de todos os meios empregados pelo governo, meios que commentarei na brochura—*A Prostituição Eleitoral*, José Marianno venceu por 38 votos o presidente da Bahia, eleitor da deputação que será naturalmente a guarda de honra do Presidente do Conselho, como a de Pernambuco será a do Sr. João Alfredo e a do Rio a do Sr. Paulino.

A cidade do Recife, fez um enorme esforço para dar no começo de uma situação que a trata como a capital do inimigo, 893 votos ao candidato da opposição intransigente.

O Sr. Theodoro Machado dizia que a sua honra estava empenhada em apresentar-se pelo 2.º districto; o districto mostrou que a sua, estava empenhada em reeleger a José Mariano. E' com d'esses rasgos de verdadeiro heroismo que o povo Pernambucano mostra que ainda não morreu, e que se não fosse a prostração geral do paiz elle estaria prompto a tomar a iniciativa de qualquer grande movimento Liberal.

—  
*Um monumento a Garrison.*

Um dos redactores da *Nation*, que o é tambem do *Evening Post*, jornaes de Nova-York, o Sr. Wendell Phillipps Garrison fez-me a honra de enviar-me os dois primeiros magnificos volumes da *Vida* de seu pae escripta por elle e sua irmã, Francis Jackson Garrison, de Boston. O livro tem este titulo: *William Lloyd Garrison, 1805-1879 — Historia da sua vida contada por seus filhas*, e é admiravelmente impresso em Nova-York. A narração do 1.º volume, o qual contém entre outras illustrações retratos de Garrison, de George Thompson e de Samuel J. May e um *fac-simile* reduzido do pequeno jornal *The Liberator*, vai até ao anno de 1835. — W. L. Garrison nasceu a 10 de Dezembro de 1805 — e relata os primeiros passos do abolicionismo Americano, as vicissitudes do *Liberator*, a agitação escravista em Boston, da qual os primeiros Abolicionistas escaparam de ser victimas. O 2.º volume contém entre outras gravuras um retrato de Helena Garrison, a dedicada esposa de Garrison, e outro de Wendell Phillipps o grande orador abolicionista, e leva a narração até 1840, deixando-nos, portanto ainda a mais de vinte annos de distancia do grande drama nacional cujo desenlace humanitario foi em tão grande parte devido á inicia-

tiva de Garrison. Primeiro d'entre todos os Precursores Abolicionistas da União, os que figuram nos versos de Whittier, os Jonathan Walker, Charles Follen, Channing, Daniel Neall, Dr. Howe, Sumner, e outros que elle não idealizou com um traço puro do seu pincel, Garrison é aquelle cujo nome mais completamente resume o movimento abolicionista Americano, e ao qual verdadeiramente cabe o nome do seu jornal— o Libertador. Entre os seus primeiros esforços e a proclamação de Lincoln ha um espaço de trinta e tantos annos; n'esse tempo as sementes de liberdade que elle espalhou por todo o Norte tinham produzido uma arvore enorme, cujos galhos cobriram com a sua

sombra bemfazeja o cadafalso de John Brown. O livro que os seus filhos estão publicando é o melhor monumento que os Estados-Unidos podiam levantar ao grande iniciador da abolição, aquelle de quem o Poeta dos Escravos disse com verdade: « Entre os verdadeiros reformadores e bemfeitores da especie humana nenhuma occupa logar superior ao d'elle. » Os dois volumes, escriptos com a simplicidade com que os filhos de um pai illustre devem fallar d'elle, estão cheios de factos e detalhes que, todos, formam a bella e serena unidade de uma vida, da qual se pôde dizer que não foi a vida só de um homem, mas o berço, o crescimento e a madureza da consciencia moral de um grande povo.

J. N.

P. S. — 19 de Fevereiro.

### O Estado da Bahia.

O Paiz publica o seguinte telegramma:

« Bahia, 17 de Fevereiro. — Occorreram novos tumultos na villa de Chique-Chique e seu termo. A tropa mandada pelo presidente da provincia fez fogo contra o povo, causando mortes e ferimentos. Algumas casas da villa, inclusive a do juiz de direito, foram saqueadas e incendiadas. E' grande a excitação dos animos, e provavel a aggravação das desordens pela parcialidade das autoridades policiaes na punição dos criminosos. »

O estado do interior da Bahia, sob a policia do Sr. Theodoro Machado, não admira, desde que o Presidente vivia absorvido na sua eleição por Pernambuco e sem

tempo para mais nada senão para pedir demissões de eleitores nem calma de espirito enquanto dirigia essa lucta de sobrevivencia politica e de escolha senatorial. Os juizes de direito Liberaes estão sendo tratados em toda parte como cães damnados; muitos candidatos comprometteram-se publicamente, até mesmo em suas circulares, como o Sr. Francisco de Lacerda em relação ao juiz de direito do Bom Jardim, a remover juizes de direito que não se curvaram á nova constituição do paiz, que é esta: « Só os Conservadores têm direitos politicos! »

A Bahia está fóra da lei: o abolicionismo do Sr. Dantas devia custar caro á Provincia hoje entregue ao velho espirito do Trafico.

*Nova situação em Portugal.*

O Sr. Fontes pediu demissão hontem (18) e o rei mandou chamar o chefe dos Progressistas, o Sr. Luciano de Castro. A subida do partido Liberal pôde ter relação com o casamento annuciado do príncipe Real com uma filha do Conde de Pariz, o Pretendente Realista em França. Os Liberaes em caso de necessidades dynasticas parecem á Monarchia

mais uteis do que os Conservadores. Tambem na Hespanha logo que morreu o Rei a Rainha-Rigente apressou-se a chamar *sem outro motivo* o Sr. Sagasta, o que mostrava que sua idéa era consolidar o throno. N'este momento em todo o Occidente Europeo os governos são Liberaes: Gladstone na Grã-Bretanha, Freycinet em França, Sagasta em Hespanha e agora Luciano de Castro em Portugal.

A APPARECER PROXIMAMENTE:

O SÉCULO  
ORGÃO LIBERAL DEMOCRÁTICO

Redactor — JOAQUIM NABUCO



PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Segundo opusculo

---

O

# ECLYPSE DO ABOLICIONISMO

POB.

JOAQUIM NABUCO

LIVRARIA BRAZILEIRA

DE

TANCREDO DE BARROS PAIVA

132, Rua do Lavradio, 132

Annuncia ás Terças-feiras  
no "Jornal do Commercio"

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

1886

O primeiro opusculo—*O Erro do Imperador* a 200 rs. nas livrarias.

---

## A APPARECER :

**Eleições Liberaes e Eleições Conservadoras**  
(na proxima semana)

**A Prostituição Eleitoral**  
**A Perseguição dos Escravos**  
**Porque continuo a ser Liberal.**  
**A Nova Camara**

Do mesmo autor, á venda na casa G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor 31 e 36:

*O Abolicionismo*, um volume de 260 paginas, impresso em Londres.

Estudo sobre a escravidão brasileira, sua historia, sua illegalidade, suas influências sociaes, brochado 2\$000, encad. 3\$000.

*A Campanha Abolicionista no Recife*, um volume de 200 paginas.

Serie de doze conferencias feitas no Recife em 1884, no Theatro Santa Isabel e na praça publica, com um prefacio por Annibal Falcão, 2\$000.

### **Aviso.**

As casas que quizerem ser agentes d'esta publicação mediante uma commissão de 30% e a condição de não vender o opusculo por mais de 200 réis na Côte e Niteroy e 300 réis nas provincias queiram comunicar com o editor, n.º 1 rua Bella da Princeza. Cada um dos opusculos publicados será enviado pelo correio a quem o pedir remettendo-nos um sello de 200 réis. Recebem-se annuncios.

---



## O ECLYPSE DO ABOLICIONISMO

---

Entre os serviços de que o actual Presidente do Conselho ha de gabar-se, ao conversar com o Imperador, o principal é seguramente o de haver supprimido a agitação Abolicionista. Elle pôde, com effeito, expôr a S. M. o contraste notavel d'aquella agitação com a tranqüillidade que hoje reina no paiz.

A lavoira está calma, tanto que se não ouve mais fallar no Sr. Ramalho Ortigão, em quem encarnou, em uma grande crise, o espirito de resistencia de uma sociedade toda. Isto é altamente honroso para elle. Na historia não se terá visto muitas vezes essa singularidade das classes Conservadoras e dirigentes de um paiz moverem-se á inspiração de um estrangeiro, que não fosse o seu rei. Os Clubs do Commercio e da Lavoira que tinham, alguns d'elles, em seus Estatutos a execução da lei de Lynch e vomitavam fogo e pedras calcinadas contra o Imperador Abolicionista, dispersaram-se mansamente.

O movimento provincial, que libertou o Ceará e o Amazonas, deixando tambem o Rio Grande do Sul muito perto do fim, parou e retrocede. Os *Inglezes* desapareceram da imprensa para dar logar aos anonymos. *Clarkson* (Gusmão Lobo), *Grey* (Ruy Barbosa), *Rodolpho Dantas*, *Barros Pimentel*, que emulavam nos entrelinhados do Governo em eloquencia e ardor apaixonado pela abolição a todo o transe, vêm o Evangelho que elles pregavam traduzido em linguagem Con-

servadora, isto é, em editaes contra escravos sexagenarios ou Africanos do Segundo Reinado, e annuncios pondo a premio — porque a apprehensão pelo capitão do matto póde dar logar ao assassinato do escravo fugido — a cabeça de entes humanos. Quando algum escriptor official apparece é para doutrinar esta capital nos Mandamentos da Escravidão. Em toda a parte os Abolicionistas sentem que a opinião está sendo resfriada por uma forte corrente glacial que desce do pólo de S. Christovão. O POVO ESTÁ INDIFFERENTE Á SUA PROPRIA CÔR. Nem mesmo o signal visivel de que a escravidão dormiu com elle no berço lhe traz reminiscencias d'ella. Vê-se em todo o paiz o canção que succede a um esforço superior á elasticidade do organismo, á concentração do espirito em uma obra de desinteresse.

Dois annos, ou tres, de Abolicionismo, isto é, de preoccupação da propria dignidade, parecem ter gasto a reserva moral da nação, a sua capacidade de resentir. E que maior serviço para um governo do que presidir a essa volta do paiz ao seu contentamento habitual? Que satisfação igual á de ver de repente, pelo effeito da subida do partido Conservador, a face da nação que parecia arder com a chamma do pudor, revelando a excitação do cerebro sob a pressão da honra, descorar de novo em sua pallidez cachetica?

Eu não creio que o Imperador agradeça nada ao Sr. Cote-gipe, tanto como essa metamorphose nacional. Por todos os motivos, o Imperador não póde estimar que se falle muito em escravidão. Eu, por exemplo, ha oito annos quasi não me occupo de outra coisa, e assim reduzi minha intelligencia, erratica por natureza, não, felizmente a fixar-se n'essa idéa unica, porque isso a teria morto n'um carcere, mas a nada produzir que não tivesse relação immediata e directa com a enfermidade organica do paiz, o seu mal incuravel. Quem é homem de letras avalia bem esse sacrificio de concentrar as « faculdades creadoras » do pensamento em uma obra exclusiva, da qual se começa por fazer uma religião e se acaba tendo feito uma

vida. Eu, porém, não fiz da abolição uma coisa, e não estou fazendo outra, por prazer, nem por vocação de apóstolo, mas por dever, obedecendo ao simples *imperativo categorico* da minha Nacionalidade, ao facto unicamente de ser Brasileiro; e como eu ha tantos! É evidente que a escravidão não fere a retina moral do Imperador, como fere a nossa, e portanto o desejo de S. M. não póde ser outro senão que lhe tirem da vista esse quadro de horrores que o desgosta sem preoccupal-o.

\*  
\* \*

Nascido no throno e governando o Brazil desde 1840, o Imperador estimaria que a posteridade esquecesse a escravidão entre os factos menores do seu reinado. O seu biographo ideal seria aquelle que pondo em alto relevo todas as suas qualidades, o seu amor as lettras e simplicidade de maneiras, fallasse d'elle como de um Marco-Aurelio ou de um Washington, não dando mais importancia do que a historia tem dado ao exaltar qualquer d'esses grandes homens á existencia da escravidão sob o seu governo.

Mesmo em relação aos escravos o biographo poderia, partindo da minha admissão (*vide* O ERRO DO IMPERADOR, pag. 13) de que tudo que existe por lei é devido *principalmente* ao Imperador, estabelecer um contraste entre o Chefe do Estado e a sociedade do seu tempo; poderia contar (e para isso Dom Pedro II faria bem em começar as suas Memorias) as suas insistencias com os ministerios do primeiro decennio para a abolição do Trafico, do terceiro decennio para a libertação dos nascituros e do quarto para medidas complementares. Estudos sobre os contemporaneos com quem o Imperador lidou illustrariam bem a historia: esses estudos poderiam versar sobre as idéas abolicionistas de cada um d'elles em diversas épocas, a especie de senhores que foram, as relações que tiveram com os Traficantes poderosos, as suas dependencias directas do capital escravista, e ramificações de familia entre os grandes proprie-

tarios. Um documento interessante para a justificação do Imperador seria, por exemplo, o recenseamento dos escravos dos chefes políticos, sem exceptuar os Republicanos, — ainda na hora presente da escravidão, e a actual estatística de escravos dos ministros, membros do Parlamento, magistrados, sacerdotes, etc. Depois de tudo o biographo accrescentaria aos titulos Humanistas de S. M. um titulo Humanitario: o de Emancipador dos Escravos. Imaginando-se que a escravidão acabe em vida de Dom Pedro II, elle diria que a extincção d'ella corôou um reinado que levou a nação, sem abalo nem legados de odios entre raças e classes, e sim no meio da paz publica, não sentindo ella mesmo para onde era conduzida, a liquidar com a maior abnegação possível um capital de milhões de contos e a desfazer-se de uma instituição de tres seculos em um breve periodo de tempo.

\*  
\* \*

Apezar, porém, do accrescimo de fama que lhe possa advir, em mãos de um futuro panegyrista que o saiba desenvolver, do argumento epico acima esboçado, eu estou certo que o Imperador prefere não ouvir fallar em escravidão. Elle sente que, mesmo quando os seus sentimentos contrastassem com a indiferença empedernida dos ministros, dos senadores, padres, juizes, etc., o que elle fez é nada ao lado do que elle podia ter feito, se a observação das senzalas lhe causasse tanto interesse como por exemplo a contemplação do céu. É certo que de 1840 até bem proximamente a *idéa Abolicionista* tinha despontado em muito poucas consciencias, mas não lhe ha de ser indifferente esse mesmo facto: de não ter sido a d'elle uma d'essas em que a concepção moral do Estado Brasileiro se fez espontaneamente. Mas em seguida o Imperador *sabe* que elle é insensivel á escravidão; *sabe* que nunca perguntou aos milhares de pequenos senhores feudaes possuidores do territorio e do povo da sua Monarchia,

quando lhe iam humildemente beijar a mão e elle os fazia barões e viscondes: *Como estão seus escravos?* S. M. sempre foi um bom limitrophe: suzerano de cada um d'elles, vassallo de todos elles juntos, o representante da Realza nunca atravessou a linha divisoria entre a soberania do Estado e a soberania da Escravidão.

O Imperador além d'isso conhece a dureza do costume que se constituiu lei do paiz pela pusillanidade e cumplicidade da magistratura. Elle não ignora que um galé de volta de Fernandó póde tornar-se senhor de uma rapariga de vinte annos, que o magistrado mesmo que o sentenciou lhe entrega corpo e alma, sem nenhuma protecção, e sabê que o braço da nossa justiça não é nem bastante longo nem bastante forte para abrir as porteiças das fazendas; que o jury chegou em tudo que respeita a escravos ao ultimo grau de abjecção, tornando-se o auxiliar dos Lynchadores, e que o seu Ministerio, o seu Senado, a sua Camara dos Deputados, o seu Conselho d'Estado, a sua Aristocracia, as suas Faculdades de Direito, a sua Magistratura, o seu clero, a sua Policia — de senhores de escravos — constituem juntos e com elle mesmo um como Sacerdocio Egypcio da escravidão, um carcere hierarchico em que os escravos são sepultados vivos.

Por tudo isso nada é mais desagradavel para S. M. do que ouvir fallar sempre na instituição homicida que temos no paiz, e para cujas deshumanidades e extorsões seria preciso além do actual Codigo Penal, que se applica a ella em quasi todos os seus artigos, um Codigo especial dos crimes obsoletos da historia.

S. M. quísera ver a eloquencia nacional, a que penetra no coração do povo, empregar-se em outros misteres que não o de agitar aos olhos do paiz a Camisa Ensanguentada do escravo. Elle preferia talvez que a escravidão não existisse; mas, desde que existe, que não se fallasse n'ella, para essa nodoa de sangue não ser visivel nem em sua corôa, nem na fronte do paiz. Ora,

a agitação abolicionista é o grito vibrante, eterno, e sempre doloridamente compassivo do Abel Brasileiro. Que serviço podia o partido Conservador prestar, igual ao de abafar esse grito quando elle começava a ser ouvido do mundo?

\*  
\* \*

Entretanto esse Eclypse do Abolicionismo, produzido pela posição de um corpo opaco — o partido Conservador — entre o Brazil e a Humanidade, essa escuridão foi um dos mais tristes e fataes resultados da mudança politica de 19 de Agosto. Não é sem pezar que eu releio hoje os prognosticos de esperança que nós Abolicionistas faziamos em 1884, os hymnos que entoavamos á velocidade crescente da onda de justiça, reparação e magnanimidade, que se desenrolava sobre toda a nação Brasileira n'aquelle anno de entusiasmo e illusão.

Uma vez, por exemplo, no Theatro Santa Isabel, no Recife, eu não pude deixar de saudar a marcha poderosa d'essa torrente moral e humana, que fazia o orgulho do nosso paiz.

« Para qualquer lado que me volte, disse eu, (1) vejo o horizonte coberto pelas aguas d'essa inundação enorme. Eu vi essa corrente, que hoje alaga o paiz como um rio equatorial nas suas cheias, quando ella descia como um fio de agua crystallina dos cimos de algumas intelligencias e das fontes de alguns corações, illuminados umas e outros pelos raios do nosso futuro. Eu o vi, esse rio já formado, abrir o seu caminho, como o Niagara pelo coração da rocha, pelo granito de resistencias seculares. Vi-o quando, depois das Cataractas, elle ganhou as planicies descobertas da opinião e desdobrou-se em toda a sua largura, alimentado por innumerous affluentes vindos de todos os pontos da intelligencia, da honra e do sentimento nacional; mudando de nome no seu curso como o Solimões,

(1) Vide Campanha Abolicionista no Recife pag. 14.

— chamando-se primeiro Ceará, depois Amazonas, depois Rio Grande do Sul, e hoje o vejo prestes a despejar-se no grande oceano da egualdade humana, dividido em tantos braços quantas são as provincias, levando em suas ondas os despojos de cinco Ministerios e a represa de uma Legislatura, e eu vos digo, senhores, não tenhais medo da força d'essa enchente, do volume d'essas aguas, dos prejuizos d'essa inundação, porque assim como o Nilo deposita sobre o solo arido do Egypto o lodo de que saem as grandes colheitas por fórma que se disse que o Egypto é *um presente do Nilo*: assim tambem a corrente abolicionista leva suspensos em suas aguas os depositos de trabalho livre e de dignidade humana, o solo phisico e moral do Brazil futuro, do qual se ha de dizer um dia que elle na sua prosperidade e na sua grandeza foi um Presente do Abolicionismo. »

Felizes os tempos em que se podia fallar assim, acompanhando o mais nobre dos esforços do paiz até ser quasi corôado pelo successo, sentindo crescer o pulso da dignidade nacional, vendo diminuir no mappa do mundo a mancha negra do Brazil, esperando o raiar de um dia em que todos nos sentissimos limpos como os Leprosos do Evangelho depois da palavra de Jesus.

\*  
\* \*

Más o Ecllypse do Abolicionismo já tem durado de mais. É preciso sacudir esse torpor e recommençar a campanha. Nós deviamos estar preparados para ver alguns Conservadores que, dizendo-se Abolicionistas, combateram connosco os ministerios Liberaes escravocratas, abandonarem-nos logo que se formasse o primeiro ministerio escravocrata Conservador. Elles achavam que nós pela idéa abolicionista podiamos guerrear successivamente (exceptuando o gabinete Dantas) todos os governos do nosso Partido, mas em combaterem elles um governo Conservador pela mesma idéa, nunca pensaram seriamente. Fazendo-se de Abolicionistas na situação Liberal, estavam apenas

trabalhando para a elevação do seu proprio partido ! Alcançado o fim, quem se lembra mais de tudo o que elles disseram e escreveram, durante o seu disfarce? Nem elles mesmos. O exemplo d'essa defeccão começou na Camara com os Abolicionistas Cearenses.

Por outro lado tambem o desanimo era natural. Depois de uma propaganda pela liberdade como nunca se tinha visto em nosso paiz, depois de termos levado a quasi todas as consciencias, a convicção de que a escravidão é um *crime*, depois de termos creado um interesse palpitante pela sorte dos escravos, o que resultou de todos os nossos esforços?

A Escravidão apoderou-se do movimento abolicionista por meio de uma simulação, e conseguiu, em nome das nossas idéas! duplicar, triplicar, quadruplicar o valor dos seus escravos, constituir para si mesma um fundo de amortização lançando impostos sobre os seus adversarios e as suas victimas, e o que é peor retocar a lei de 28 de Setembro na parte que a constringia: o modo do resgate, violando o direito mais valioso do escravo, o unico por meio do qual elle podia chegar a ser tratado como um homem e ter uma familia, tambem humana, e não animal em nosso paiz.

Quem quer aquecer com o seu proprio ardor moral uma sociedade enregelada, ha de sentir-se penetrado do frio exterior nos momentos de inercia e de repouso. Mas basta de estupefacção e desgosto.

Hoje o dever de continuar a lucta resulta mesmo da Segunda Lei de 28 de Setembro. Não é este o momento de estabelecer n'estes opusculos o contraste das duas leis. Mas direi sempre: uma, na phrase de Salles Torres Homem, atacou « a pirataria em roda dos berços »; a outra estabeleceu a mesma pirataria em roda dos tumulos. É uma lei de coveiros para chacaes! Se durante a acção da primeira, o movimento Abolicionista chegou a ser o que vimos, depois da segunda, é de nossa honra que elle tome ainda maiores proporções.



É preciso que a nova Legislatura escravista como é, representando entre os seus diversos membros milhares de escravos e as tradições sinistras do Trafico, vote uma lei que apague a do anno passado. Para isso devemos fazer um grande appello aos espiritos liberaes que o partido Conservador tenha no seu seio, sobretudo aos representantes de provincias onde o Abolicionismo tem feito maiores conquistas. A esses pertence o papel que nós, Abolicionistas Liberaes, tivemos na situação passada, no seio do nosso partido. O Brazil tem caminhado bastante para o partido Conservador poder tornar-se, pelo menos em sua fronteira Liberal, tão inimigo da Escravidão como o é o partido Conservador da Inglaterra ou da França.

Mas o principal recurso de todos nós, para ser continua e incessantemente repetido sob todas as fôrmas imaginaveis e de todos os pontos do paiz e do mundo, deve ser ao Imperador. O ministerio é d'elle, o partido Conservador é d'elle, e é preciso que Elle não seja da Escravidão, e que uma vez pelo menos se sirva da força nacional, que representa, para um grande fim nacional.

\* \* \*

Ha um prazer que eu sinto ao reler o que escrevi ha annos: o prazer de ser o mesmo. A linguagem que emprego hoje é exactamente a que usei em 1871, quando o Imperador fez a sua primeira viagem ao exterior. Imaginando-nos Estados-Unidos, eu escrevia, ha já quinze annos, um espaço relativamente longo, na *Reforma* de 28 de Março de 1871, em artigo assignado *Jefferson*: « Alli veria elle de quantos sacrificios um grande povo é capaz para resgatar do dominio de crimes seculares sua reputação e sua honra. Cada um d'esses campos, hoje renascentes, onde a canna e o algodoeiro brotam dos sulcos das balas; uma por uma, essas ruinas amontoadas, a desolação da parte meridional do territorio, tudo fallaria das ultimas grandes batalhas que a escravidão se

atreveu a pelejar. O Ohio separando o campo da liberdade do campo da servidão, regando de aguas fecundas o primeiro, cobrindo de charcos o segundo, apresentar-lhe-hia os fructos do trabalho livre e os do escravo frente a frente, como os apresentou ao insigne pintor da *Democracia na America*, e vendo mais longe, como no assassinato de Lincoln, o punhal ou o revolver escravocrata imminente sobre si, isso mesmo o animaria á obra, se elle aspirasse o ar forte d'esses climas e se ao tocar « na terra da Liberdade » ganhasse a virilidade dos seus primeiros filhos. Então, de volta, esse poder sem limites que a indiferença publica e o geral descalabro politico foram lentamente accumulando em suas mãos, esse poder de que até hoje elle só se tem servido para derribar os partidos gastos e gastar os partidos fortes, applicado á luz, e não á sombra. Constitucional, com coragem e não com artificios, realizaria a grande obra da emancipação dos escravos. »

Não se me accuse de optimismo incuravel por eu ainda me dirigir ao Imperador, pedindo-lhe que ponha termo á barbarie do seu reinado. O Poder é elle, a responsabilidade deve ser d'elle. Nós, Abolicionistas, pelo menos devemos ver claro no que concerne á escravidão. O projecto Saraiva deixou de existir Constitucionalmente no dia em que o Sr. Saraiva demittiu-se, e se é hoje lei do Imperio foi somente porque o Imperador o resuscitou, porque o Imperador o quiz. O Sr. Saraiva é por certo uma individualidade e o Sr. Cotegipe tambem tem vontade propria, mas se elles unidos e um após outro fizeram passar aquella lei, foi porque o Imperador entendeu que devia chamal-os para fazel-a passar, e se depois de promulgada ella deixou de ter execução foi porque o Imperador fechou os olhos. A reacção actual é Conservadora, tem a responsabilidade do partido Conservador, mas quem *ideou* essa reacção, quem fez retroceder a sombra do sol no disco da segunda Independencia Brasileira, foi o Imperador. A elle pois é que devemos pedir misericordia para as victimas.

As estatuas Imperiaes eram em Roma refugio para os escravos, como os altares das Egrejas. No Brazil o throno está completamente isolado, n'uma eminencia núa e deserta, dos soffrimentos do povo. O escravo Brasileiro, nos pensamentos que precedem o suicidio, acharia mais facil chegar a nado ao navio estrangeiro que elle descobre no alto-mar, do que subir aquella montanha inaccessible d'onde ninguem o avista. Mas é possível que o Imperador resinta uma vez a nossa indignação. É possível que o Memnon Imperial, ferido no seu granito pelos raios nascentes de uma nova consciencia, exhale pela primeira vez o gemido de um milhão de peitos. É possível que o Brasileiro que se senta no throno comprehenda por fim que o Brazil não deve figurar até ao fim do seculo como o representante fossil da Edade do Escravo, o Mammouth colossal da Escravidão.

Eu poderia dizer que procedendo d'essa fórma, elle que occupa no Instituto de França a cadeira de Pedro o Grande, teria feito tanto com um simples acto humanitario para elevar a posição moral do seu paiz no mundo, como aquelle com as suas conquistas nos tres Mares para transformar a Russia em grande Potencia. Eu poderia accrescentar que semelhante iniciativa, se fosse individual e ousada, equivaleria a lançar em signal de alliança o annel da dynastia nas profundezas do nosso povo, como os doges de Veneza lançavam no Adriatico o symbolo da sua união com o mar.

Mas eu prefiro pedir ao Imperador, representante corôado da raça Branca, que dando um pequeno valor a cada vida humana passada do berço ao tumulo em captiveiro, a cada açoite soffrido por não trabalhar a contento de outrem, a cada criança morta por se ter impedido a mãe de aleital-a, a cada mulher violada em seu pudor, a cada peculio de lagrimas, a cada familia dispersa para sempre do norte ao sul n'esta Siberia tão implacavel em suas distancias para os escravos como a Siberia Russa para os Nihilistas, a cada morte por mãos tratos e perseguição diaria,

a cada suicidio por excesso de soffrimentos, a cada crime para trocar o captivo pelas galés, a cada individuo explorado minuto por minuto em suas aptidões, sua saude, e até em sua dedicação e seu amor, forme de todos esses valores moraes e de muitos outros semelhantes uma quantidade que eu chamarei A.

Depois eu pediria a S. M. que formasse com os valores correspondentes á subtracção de cada uma d'essas parcellas de soffrimento, do fundo de moralidade, população, riqueza, trabalho e liberdade da outra raça, uma quantidade symbolica dos prejuizos nacionaes da escravidão, que eu chamaria B, e sendo X os quarenta e seis annos do seu reinado me desse o resultado d'esta simples equação,  $A + B = X$ .

Ah! essa incognita, se o Imperador, que lê a *Divina Comedia*, a procurasse, O Seculo de Pedro II lhe lembraria o segundo recesso do Setimo Circulo do Inferno: parecer-lhe-hia estar na Floresta das Harpias, onde as arvores eram almas em cujas copas ellas faziam seus ninhos, de cujas folhas ellas se alimentavam, e de cujas feridas sahiam ao mesmo tempo palavras e sangue... *Parole e sangue!* Não lhe seria possivel quebrar o menor dos ramos d'essa vegetação de lagrimas sem que toda ella gritasse como a alma ferida pelo Dante: « Porque me dilaceras? Não tens sentimento algum de compaixão? Nós fomos homens, e hoje não somos senão troncos. Tua mão deveria ser menos cruel quando mesmo fossemos almas de serpentes. »

« Uomini fummo, ed or sem fatti sterpi:  
Ben dovreb' esser, la tua man più pia,  
Se state fossim anime di serpi. »

E tendo aberto as primeiras feridas e quebrado os primeiros galhos o Imperador faria como o Poeta: movido pelo amor do seu torrão natal, ... *la carità del natio loco*, elle apanharia no chão as folhas gottejantes para restituil-as ao tronco ensanguentado da patria, e fazel-o emmudecer.

# REGISTO POLITICO

5 de Março de 1886.

## A questão Poli

Na ultima semana a attenção publica esteve occupada com uma correspondencia escripta d'aqui para um jornal Italiano de Buenos Ayres por um Dr. Poli, que se intitula Septipatha, o que seria a ultima palavra da medicina se todas as doenças podessem ser reduzidas a septicemia. Mas elle é provavelmente tão polipatha como os outros especialistas. A correspondencia é injuriosa, por certo, desde que nos chama na versão do *Diario de Noticias*, o qual deve saber italiano porque tem uma secção diaria n'essa lingua, de *burros pretenciosos e miseraveis*. A principal arguição, porém, contra nós é a de sermos um povo mestiço, facto que muitos Brasileiros até mesmo de côr resentem como insulto e que é sempre o primeiro que os estrangeiros malevolos nos lançam em rosto. O Dr. Poli é de uma ignorancia sem limites; toma por exemplo o Dahomey, que é um reino, por um homem, falando-nos de «Dahomey I, o celebre cannibal.» Para elle a Senegambia é talvez uma mulher sem pernas.

O artigo não valia o furor que provocou. A mocidade Brasileira, sobretudo, não deve estragar a indignação de que é capaz, em factos tão insignificantes. Ha entre nós muito mais de que indignarmo-nos. Todos os Polís do mundo não fazem tanto mal ao nosso paiz como as barbaridades praticadas entre

nós, e muitas d'ellas por estrangeiros, contra os escravos. O Dr. Poli retirou-se do Rio espontaneamente, não se julgando seguro. Não teriamos approvado o emprego de medidas extra-legaes. O estrangeiro deve ter no Brazil até para atacar-nos o mesmo direito que o Brasileiro — de fazer tudo que não lhe seja prohibido por lei. Os Conservadores, que costumam explorar todos os sentimentos patrioticos, já estão procurando aproveitar-se do incidente Poli por meio de artigos officiosos na imprensa contra um dos jornalistas a quem a causa liberal mais deve n'este paiz, Angelo Agostini, um d'esses homens, como eu tambem me supponho, que se não mudam nunca da patria, não podem viver em nenhum paiz, mesmo temporariamente, sem identificár-se n'elle com o liberalismo mais adeantado.

Quando ha tantos estrangeiros alistados, e com altas patentes, no exercito das duas escravidões, é demasiada exigencia não querer que a liberdade tenha tambem alguns voluntarios de outros paizes.

## O Canal de Panamá

Recebi de Londres, o anno passado, o livro que o nosso eminente compatriota J. C. Rodrigues publicou sobre o canal de Panamá, refundindo uma serie de artigos seus impressos no *Financial News*.

Agora vêjo na *Pall Mall Gazette* (de 29 de Janeiro) um artigo do mesmo escriptor sobre o assumpto, e no *Athenæum* (de 26 de Dezembro) e no *Truth* (de 4 de Fevereiro) criticas do livro altamente favoraveis. O Sr. Rodrigues acompanhou Lesseps a Panamá em 1879 como correspondente especial do *New-York World* e com a admiravel sagacidade, originalidade de recursos e o talento de investigação que o distinguem apoderou-se dos mais insignificantes detalhes da empreza gigantesca de cortar o isthmo. As conclusões do nosso compatriota são no livro de todo o ponto contrarias á Companhia e no artigo da *Pall Mall Gazette* elle insiste em consideral-a sem salvação possível.

Os factos, segundo elle, são em poucas palavras estes: é absurdo esperar uma renda bruta para a empreza de £ 3,600,000, quando á de Suez em 1884 foi de £ 2,600,000. Lesseps promette o Canal para 1889; o Sr. Rodrigues não suppõe que o Canal possa estar concluído em menos de nove annos, e então dado que tenha uma tonelagem de 5 milhões, sendo o capital em acções e *bonds* de 107 milhões esterlinos, haverá um *deficit* annual de £ 3,300,000! Verificar-se-hia

assim o que Paul Leroy-Beaulieu concluiu tambem do exame da questão, que a não reorganização da Companhia «ver-se-ha o mais terrivel desastre financeiro do seculo XIX.» A situação da Companhia é realmente má, e como ella tem 110,000 accionistas em França sua sorte interessa até á Republica. O governo Francez fez partir um engenheiro, o Sr. Rousseau, em companhia de Lesseps, o qual aos oitenta e um annos de idade acaba de fazer uma viagem mais a Panamá. Quando mesmo o governo Francez autorize a Companhia a emittir os vinte e quatro milhões de que ella precisa, em fórma mais ou menos de loteria, esse dinheiro será apenas sufficiente para a menor parte das excavações.

O livro do Sr. Rodrigues é escripto, politicamente, do ponto de vista Norte-Americano. É impossível lê-lo sem chegar á conclusão de que se por acaso O *Grande Francez*, como todo o mundo chama com razão ao creador do Canal de Suez, conseguir levar a cabo a sua segunda colossal empreza de Panamá, os accionistas Francezes terão feito á America Central o presente grathito de um milhão de contos de réis.

PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Terceiro opusculo

---

ELEIÇÕES LIBERAES

E

ELEIÇÕES CONSERVADORAS

POR

JOAQUIM NABUCO

---

Preço 200 réis

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR. 81

—  
1886

O primeiro opusculo— *O Erro do Imperador* e o segundo— *O Elypse do Abolicionismo* a 200 rs. nas livrarias. A edição está quasi esgotada.

---

## A APPARECER :

### A Prostituição Eleitoral A Perseguição dos Escravos Porque continuo a ser Liberal A Nova Camara

Do mesmo autor, á venda na casa G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor 31 e 36:

*O Abolicionismo*, um volume de 260 paginas, impresso em Londres.

Estudo sobre a escravidão brasileira, sua historia, sua illegalidade, suas influencias sociaes, brochado 2\$000, encad. 3\$000.

*A Campanha Abolicionista no Recife*, um volume de 200 paginas. Serie de doze conferencias feitas no Recife em 1884, no Theatro Santa Isabel e na praça publica, com um prefacio por Annibal Falcão, 2\$000.

#### Aviso.

As casas que quizerem ser agentes d'esta publicação mediante uma commissão de 30<sup>o</sup>/<sub>o</sub> e a condição de não vender o opusculo por mais de 200 réis na Côrte e Niteroy e 300 réis nas provincias queiram communicar com a empreza. Cada um dos opusculos publicados será enviado pelo correio a quem o pedir remettendo-nos um sello de 200 réis. Recebem-se annuncios.

Escriptorio da *Propaganda Liberal*: rua da Quitanda n.º 19.

---



## Eleições Liberaes e Eleições Conservadoras

---

Durante as eleições a que presidiu o Sr. Dantás havia n'esta cidade uma folha Conservadora, reputada órgão do Partido, e redigida pelo Sr. Belisario, o *locum-tenens* do Sr. Paulino; antes das eleições havia um Senado no Senado, o Sr. Correia. D'ahi toda a differença entre o que se disse das eleições Liberaes e o que não se disse das Conservadoras. É a mesma historia da ordem publica perturbada, de que se serviam a proposito das vaias celebres dos Srs. Morêira de Barros e A. de Siqueira, os Conservadores que tinham animado as apupadas do ministerio Sinimbú e o Sr. Martinho Campos, que teria tomado parte n'ellas, como declarou, se não fosse deputado. O que não teriam elles dito se o Rio de Janeiro tivesse passado pelas scenas recentes de que Londres foi theatro e a multidão houvesse quebrado as vidraças nas principaes ruas e saqueado as lojas?

Com o *Brazil* e o Sr. Correia, o minimo facto que se passava, ou não se passava, nas Provincias, era augmentado quanto fosse preciso para impressionar o Imperador, para quem o jornal era exclusivamente escripto. Tudo era engrandecido ao ultimo ponto da sensibilidade Imperial, ouvindo-se assim diariamente um côro de imprecações contra o Ministerio e os Presidentes, ao qual não faltava uma só nota humilhante e

ferina. O eminente escriptor Abolicionista, o Sr. G. Lobo, que havemos sempre de reivindicar como homem nosso e que foi o principal confidente, animador, e advogado do Sr. Dantas, sabe melhor do que ninguem, por ter sido uma das victimas do *Brazil*, o que foi essa campanha.

Uma vez, por exemplo, o partido Liberal de Goyaz lembrou-se de adoptar a candidatura de Ruy Barbosa, que nos era indispensavel na Camara e que estava em perigo na Bahia pelo dinheiro do Trafico. Qualquer Partido bem governado, que sabe o que quer, e tem fins nacionaes, trata de garantir a presença na Camara dos seus primeiros homens. É assim que se faz na Inglaterra, como na França, na Italia, como na Hespanha. Um orador e um Parlamentar que em qualquer outro paiz se achasse para com o seu Partido na mesma relação em que Ruy Barbosa está para com o d'elle no Brazil, isto é, que fosse um dos seus tres ou quatro maiores vultos na Camara, não ficaria uma só Legislatura fóra do Parlamento enquanto o Partido dispuzesse de alguns logares certos. No emtanto, desde que Goyaz mostrou-se Liberal bastante para querer dar uma grande voz ao Liberalismo Brasileiro, cahiu uma nuvem de flechas sobre o Sr. Dantas, accusado de resuscitar as candidaturas officiaes e de enxertar na eleição directa os peores vicios da antiga. E isso provavelmente era escripto pelo Sr. Joaquim Mattoso! Eu lhe faço a justiça de crer: se elle hoje comparar a sua carreira politica e a sua réputação nacional com a de Ruy Barbosa, aquelles artigos hão de parecer um laço de enforcado, suspenso da sua eleição pelo Espirito-Santo.

Deram-se os factos de S. José, no Recife. Não houve epitheto injurioso que um Partido, cujas eleições de sangue não têm conta, nos não atirasse por ter sido morto n'um conflicto com o povo um cabalista Conservador que sempre fez das eleições de S. José um combate á mão armada, rodeando-se de homens dispostos para tudo, e que duas vezes

n'esse dia fez recuar a enorme multidão popular que penetrou na Igreja, atirando sobre ella e sobre José Marianno. Aquelles factos, que tiveram no mais alto grau o character do imprevisto, mais ainda, do que é impossível de prever, surprehenderam a todos; ninguém os esperava como desfecho de uma lucta travada na tribuna, em discursos que eram sómente appellos aos sentimentos de humanidade, quando nenhum Liberal fôra armado ás urnas. Em toda a cidade nem um só Abolicionista imaginou que se pudesse derramar uma gotta de sangue.

No emtanto a tragedia eleitoral de S. José foi explorada pelos Conservadores de todos os modos e em todos os tons. E hoje o que dizem elles da outra tragedia de S. José do Tocantins, esta porém official, premeditada, executada pela força publica alli mantida pelo Sr. Cruz, — um Paraense que se transportou do Pará a Goyaz nas férias Parlamentares sómente para dar conta d'essa triste missão, — para eleger a ferro e a sangue o filho do Sr. Andrade Figueira, usando dos Comblains do Governo, já que não era praticavel o roubo dos livros da eleição como em Jaraguá? Imagine-se um facto d'esses na eleição de Ruy Barbosa, e a physionomia do Sr. Andrade Figueira no dia em que se tratasse d'ella na Camara! Mas mesmo um Catão não é obrigado a ser um Bruto.

Os Liberaes, porém, ou porque não tenham espirito colectivo, ou porque não estejam dispostos a chorar em publico, qualquer que seja a explicação, — e talvez a verdadeira seja a crença de que, assim como os Conservadores subiram, elles tambem hão de subir quando lhes tocar a vez (o Imperador tem sido muito igual ultimamente na partilha do poder e ha de chegar á perfeição de fixar o periodo de cada Partido em quatro annos, como o de uma Presidência de Republica, para evitar desgostos), os Liberaes, dizia eu, deixaram correr as ultimas eleições sem um jornal n'esta cidade que servisse de fóco reflector dos sentimentos do Partido em cada localidade. Nenhum dos nossos Senadores prestou-se a representar

o papel do Sr. Correia; cada um d'elles annullou-se tão bem na direcção geral, que assistimos a uma verdadeira grêve de chefes, a uma batalha sem generaes.

O Partido Liberal, com effeito, com todos os Presidentes do Conselho que teve e successivamente derribou, parecia a imagem de um decapitado, cheio de vida, a procurar no cesto da guilhotina uma cabeça que lhe servisse, e achando umas muito pequenas e outras muito grandes. Esse factó, entretanto, de não termos, como tivemos nas eleições de 1872 com *A Reforma*, o Centro Liberal, e a Commissão Permanente do Club da Reforma, e como os Conservadores tiveram em 1884 com *O Brazil*, uma agencia central para receber e magnificar as impressões transmittidas das Provincias, tem sido explorado pelos Conservadores, que se gabam de terem ganho muito legitimamente as eleições, oppondo-as ás do Sr. Dantas, por não ousarem ir até ás do Sr. Saraiva. Ha entretanto muito que dizer sobre isso, muito mais do que este opusculo poderia conter.

\*  
\* \*

Uma das minhas primeiras observações a respeito é o contraste entre a opposição Conservadora eleita sob aquelles dois Ministros Liberaes e a opposição Liberal eleita sob os Conservadores. Não é só no numero dos eleitos, é na qualidade d'elles que se pôde estabelecer bem a differença dos resultados obtidos.

A primeira Camara da ultima situação Liberal, a de 1878, é unanime, como fôra unanime a primeira Camara da ultima situação Conservadora, a de 1868. Mas isso pertence á conta da eleição indirecta. Com a eleição directa, o primeiro resultado é: uma forte opposição Conservadora de mais de um terço da Camara, composta dos principaes homens escolhidos pelo Partido (seria difficil apontar um que tivesse ficado de fóra); e uma fraca maioria Liberal da qual não conseguiram fazer

parte mesmo ministros, e muitos dos mais notaveis deputados da Legislatura anterior.

D'esse modo o partido Liberal soffreu nas eleições-Saraiva um revez duplo: o de ver eleita a Opposição em numero para derrotar successivamente todos os ministerios do Partido (n'uma Camara Brasileira de 122 membros 40 era numero mais do que sufficientê para isso); e depois, o de ver a sua maioria formada ao acaso, sem muitos dos elementos Liberaes de combate e de opinião, enfraquecida moralmente por esse mesmo facto, e obrigada a tomar a defensiva, quando o seu papel era o da offensiva mais ousada e resoluta. O Sr. Saraiva tinha dito que o seu maior desejo era ver no Brazil um ministerio ser derrotado nas eleições. Esse era um modo perigoso, mas patriotico, de expressar a humilhação com que nós Brasileiros viamos cada governo ir pedir venia a S. Christovam para eleger a Camara que quizesse. Entretanto a aspiração do Sr. Saraiva foi satisfeita. Sob o Sr. Dantas, os Conservadores, com os Dissidentes, fizeram a metade da Camara, e dos seus homens mais notaveis, só perderam, por má collocação, o Sr. Ferreira Vianna, ao passo que o Primeiro Ministro não só viu a Opposição eleita chegar quasi ao nivel da maioria, mas também, como o Sr. Saraiva, muitos dos seus melhores auxiliares vencidos nas urnas.

D'esta vez a Opposição liberal elege, digamos, vinte e seis ou vinte e sete deputados, mas n'essa pequena minoria ha tambem a considerar, como eu disse, a qualidade e as circumstancias. Quasi todos são eleitos em districtos onde os Conservadores não tinham candidato importante. Isso não quer dizer que não fossem empregados contra muitos d'elles os ultimos recursos do governo. Cada candidato julgava a sua eleição a principal, e como os recursos officiaes foram postos á disposição de cada um no seu districto, um desconhecido talvez desenvolvesse maior compressão do que um dos altos personagens. Não quero descer agora á analyse da minoria Liberal; basta-me dizer

que em parte, pequena, ella foi eleita de accordo com o partido Conservador; em parte, maior, ella se compõe de antigos Dissidentes que fizeram causa commum com os Conservadores até collocal-os no poder, e sómente em uma fracção, c'la representa o espirito Liberal e está prompta a dar combate aos Conservadores no terreno Abolicionista.

O contraste resume-se assim. Nas duas eleições Liberaes: grandes minorias Conservadoras — um terço na primeira, dois quintos na segunda — compostas de todas as notabilidades do Partido; eleições ganhas por este onde o Governo tinha poderosos meios de acção, como n'esta cidade e em muitas capitães de Provincia; seus homens mais rancorosos e mais capazes de fazer mal, todos eleitos, Ministros derrotados, e com elles os auxiliares indispensaveis do Governo. Na eleição Conservadora: unanimidade em grandes provincias, cem Conservadores, todos os homens de valor, real ou supposto, triumphantes; e da pequena minoria Liberal, rarissimos eleitos contra os desejos intimos do Governo (está visto que os Srs. José Marianno e Cesario Alvim estão n'este numero), diversos eleitos com a sua sympathia, e alguns até com o seu apoio.

\*  
\* \*

Mas um Conservador que eu chamasse a dialogar commigo n'estes Opusculos, poderia dizer-me: — « Que ha mais natural? Se em opposição nós tivemos esses algarismos que nos forneceis, do que termos agora a unanimidade virtual? Se no ministerio Dantas chegamos a eleger perto da metade, como podiamos agora ter impedido, mesmo se quizessemos, a eleição de quasi *toda* a Camara? A força que mostrámos ter, em opposição — e em opposição é que se conhecem os elementos reaes dos Partidos — accrescente-se a força do governo, e o resultado só não coincidirá com o obtido, porque perdemos muitas eleições que deviamos ter ganho. »

Nem eu estou dizendo o contrario, nem ainda affirmei

---

que respeitada. o que entre nós se entende por liberdade eleitoral, e que é somente a exclusão de certas espécies de pressão, talvez as menos illegitimas, os Conservadores não teriam ganho como ganharam.

A minha these é outra, e é que se os Liberaes tivessem feito no Governo o que os Conservadores acabam de fazer, nunca teriam perdido as eleições que quizessem ganhar.

Sem duvida o partido Conservador, eu sou o primeiro a reconhecê-lo, tem todas estas vantagens sobre nós: de ser um partido disciplinado, organizado, ambicioso, previdente, paciente, autoritario, palaciano, escravista, rico e sceptico.

Com a disciplina elle faz *o que nós não fazemos*: garante a eleição dos seus melhores homens, (por isso mesmo a composição da nova Camara é suggestiva da decadencia intellectual da olygarchia do Partido, onde elle foi mais rico de talento, a Bahia, Pernambuco, em geral o Norte) collocando-os onde ha mais segurança, e marcha todo com um espirito de passividade, que seria uma virtude se não fosse um calculo. Os Liberaes, ao contrario, são dilacerados por dissidencias intestinas, por invejas e descontentamentos, alem de sua rebeldia natural, e os Conservadores, Partido muito pouco susceptivel á seducção de fora, sabem fazer vibrar esse teclado de paixões propriamente democraticas com uma superioridade inimitavel de intriga.

Com a organização, elles têm unidade de commando e hierarchia nas Provincias. A ambição fal-os todos interessarem-se nas eleições como em questão de vida e de morte, ao passo que muitos Liberaes só tomam interesse n'ellas quando são candidatos; a previdencia os leva a prepararem com antecedencia a lucta; e a paciencia a não fazerem inimigos emquanto em opposição dos que os não acompanham a primeira vez. O espirito de autoridade lhes dá a maior de todas as vantagens: a tradição governamental, a identificação constante com o governo. Palaciano, o partido pôde sempre garantir que dentro de pouco

estará no poder ; escravista, elle tem o apoio cordial e a confiança da escravidão, isto é, da Terra ; rico, elle possui talvez o mais consideravel elemento de nossas eleições, o dinheiro, tão consideravel que merece bem ser tratado á parte ; e, por fim, sceptico, não tem os terriveis impedimentos de principios e de compromissos, prompto como está sempre a governar com as mesmas idéas contra as quaes tiver ganho as eleições.

Eu admitto todas essas vantagens, no eleitorado actual, censitario e escravocrata como está constituido, e não podia deixar de estar, o nosso. Mas desde que, *apesar de tudo*, a principal, a primeira força no paiz é o Governo, a Idéa do Governo, os Conservadores não teriam tido as minorias que tiveram se o paiz não fosse levado a acreditar que elles iam subir.

Essa foi nas eleições de 1881 e nas de 1884 a causa *principal*, — a Escravidão vindo logo depois, e as duas juntas explicando todo o successo, — das grandes victorias ganhas pela Opposição. Mesmo fóra do governo, era com o prestigio do governo que elles venciam. Os eleitores sabiam que o partido Conservador, sendo o partido do Imperador, e ao que parece da Princeza Imperial tambem, — um pequeno signal d'isto, entre parenthesis, é que o Imperador só sae do Imperio e a Princeza só acceita a Regencia quando os Conservadores estão no poder, — tinha que subir muito breve desde que havia tocado ao limite da paciencia, e ameaçava a Dynastia com a Republica Conservadora — o ideal do Esclavagismo. Foram por um lado o medo da vindicta Conservadora, e por outro a certeza que dos Liberaes não havia que temer, porque elles não ajustam contas eleitoraes, as causas que deram á opposição o numero de votos que ella obteve nas duas eleições Liberaes. Essas eleições não expressaram outra coisa senão a pressão dos senhores de escravos e as dependencias dos empregados publicos. Foi a colligação dos que tinham escravos que perder e dos que tinham empregos que perder ou ganhar.



Os Liberaes n'esse terreno não podiam lutar com os seus adversarios; o seu codigo de moral e de justiça era outro.

Nas eleições de 1881 o Presidente do Conselho, para justificar a sua lei, estava interessado em perdê-las! Nas de 1884 o Ministerio vivia, vigiado attentamente pela alta policia, feita pelos Conservadores, do Imperador, o qual entendia que a escravidão devia ter a liberdade de espalhar o terror e de exercer a compressão, até da fome, entre os eleitores pobres, mas que o Governo não devia ter nem mesmo a liberdade de mostrar-se empenhado na victoria da sua causa. D'esta ultima vez porem o Imperador só tinha um interesse: mostrar que não se enganára, que o paiz desejava o golpe de 19 de Agosto, que a anarchia moral tinha chegado ao auge sob o Sr. Dantas, que essa fôra a verdadeira causa da quêda do cambio e do mal-estar de nossas Finanças, e que a Monarchia e a Escravidão unidas não receiavam a bancarrota.

\* \* \*

A verdade, porem, é que as eleições Conservadoras só differiram das Liberaes, porque n'estas o Governo, ou espontaneamente ou á força, deixou predominar no paiz a impressão de que os seus adversarios iam subir, e n'aquellas o Governo produziu a impressão contraria. O Imperador, por exemplo, quando a causa dos escravos estava em jogo, negou ao Sr. Dantas os Presidentes que elle preferia, excluindo com um *voto* preliminar das presidencias os deputados. Agora os Presidentes são quasi todos deputados, isto é, eram candidatos que puzeram em pratica o systema da eleição mutua, do « Elege-me tu que te elegerei eu. » Ás forças corruptoras do dinheiro e dos privilegios em livre acção n'um paiz onde não ha lei nem justiça, foram accrescentadas as forças corruptoras do governo, e o resultado foi que a eleição directa chegou, em uma só prova Conservadora, a ficar tão moralmente morta como estava a indirecta. Não é mais essa arma que

servirá para ganhar nenhum combate popular; d'ora em diante ella só pode prestar para garantir as candidaturas officiaes.

O abolicionismo, para desenvolver-se e prosperar precisava ser animado pelos poderes Publicos, precisava, no periodo do crescimento, da protecção do Estado: o Imperador entendeu que era preciso pelo contrario abafal-o no nascedouro. A eleição directa tambem, para produzir a independencia no eleitorado e tornar-se depois de longas experiencias um indicador seguro da opinião, precisava ser protegida muito tempo pela honestidade do governo.

Tivemos as eleições do Sr. Saraiva, em que o eleitorado votou certo de que o governo se abstinha. Essa independencia dos eleitores consentida e animada pelo governo não era verdadeira independencia, porque só é independente, quem o é contra a vontade de todos; mas era o começo de uma tradição no poder — a da abstenção — que, se fosse praticada durante annos seguidos com o mesmo espirito, crearia por fim aquella independencia.

O Imperador parecia ser d'esse pensamento, identificando-se com o principio absoluto da não intervenção, sob os ministerios Liberaes, desde porem que subiram os Conservadores S. M. não quiz mais esse ingrato papel de fiscal da Opposição, e deixou os Conservadores lançarem a eleição directa de uma vez para sempre no guarda-roupa da Monarchia, onde ella servirá ao lado das outras alfaias Constitucionaes de comedia, para a scena, de quatro em quatro annos, do primeiro acto do nosso *Governo Livre*.

Haverá alguem entretanto que acredite que o Brasileiro é Conservador? A julgar pela nova Camara, com rarissimas excepções, o povo Brasileiro é tão Conservador que n'elle são Conservadores até os Liberaes.

A verdade é exactamente o contrario: a nação Brasileira é mesmo physiologicamente fallando, uma das mais liberaes que existem. A prova do seu liberalismo está no seu tempe-

ramento tão profundamente democratico — e n'isso somos o unico povo no mundo — que no Brazil todos são eguaes.

A actual Representação Nacional é assim uma mentira scientifica, como é uma simulação politica, e, fazer d'ella, que é a Escravidão elegendo-se a si mesma e *nada mais*, o povo Brasileiro, é o mesmo que representar pela nossa enfermidade mortal o paiz que ella está decompondo.

Mas, descendo á historia das eleições passadas, eu darei n'um proximo Opusculo, o meu depoimento individual sobre o que tenho visto da eleição directa. Se todos os que em outros logares observaram tambem de perto essa funda e terrivel chaga nacional — a Prostituição do Voto — fizerem como eu, a historia poderá melhor avaliar a degradação a que *tudo* que se relaciona com o governo, vai sendo reduzido n'este paiz sob um regimen social caracterizado por muitas das mesmas fraquezas, cobardias, indifferenças e vicios que nos fazem desviar os olhos da historia do Baixo Imperio. Felizmente, nós somos uma nação nova, e o nosso povo, que está ainda no segundo plano, é em politica uma força intacta e desconhecida.

Querer fazer passar essa eleição pela expressão legitima da vontade e da opinião d'esse povo todo de Escravos e de Servos, cujos soffrimentos não se crystallisaram, cujas aspirações têm apenas lampejos prematuros, cuja alma tem todas as virtudes do trabalho, da honestidade, da paciencia, da gratidão, do patriotismo, mas á qual falta a consciencia da força e do direito... é como se a velha Cloaca Maxima de Tarquinio, rompendo o subsolo do Forum, nos grandes dias da Roma Republicana, quizesse confundir-se com a Via Sacra.

---

# REGISTO POLITICO

20 de Março de 1886.

## *O grande emprestimo*

O Sr. Belisario não estava dormindo sobre a sua pasta o somno que se suppunha e acaba de surprehender o mundo exterior com um emprestimo contratado com os Rothschilds, de 6.000.000 de libras, emittido a 95, com o juro de 5% e a amortização de 1%, reduzindo a commissão dos banqueiros a 1%.

A operação nas condições actuaes do Thesouro e feita para pagar juros aos proprios Inglezes é por certo significativa do credito do Brazil em Londres, tanto mais quanto se falla, o que a ser exacto foi sem duvida communicado aos negociadores, de outro emprestimo interno mais ou menos proximo. O facto de estarem os Conservadores no poder e o partido que elles hão de ter sabido tirar d'isso, prometendo não cahir mais, fazer o contrario dó que fizeram os seus antecessores, ter administrações duradouras, realizar a conversão do papel-moeda e praticar economias implacaveis, dando tambem por finda a questão servil, outras tantas mentiras cada qual maior, explicam em parte a solida confiança dos Inglezes em nossa divida externa.

Os grandes planos dos ministros da Fazenda, impossibilitados pelo Imperador, pelos outros ministros, deputados, eleitores, empregados e interessados de todas as classes, de equilibrar o orçamento, diminuindo a despeza, ou de amortizar

a divida e de alterar o systema tributario, reduzem-se entre nós a emprestimos. É em tomar emprestado que elles podem mostrar a sua habilidade financeira e edificar a sua reputação. Um ministro n'essas condições que acha quem lhe empreste milhões esterlinos a 5% com um desconto apenas de 4% deve considerar-se muito feliz. Mas não basta ao Governo mandar os seus escriptores repetir que o credito Conservador não é o credito Liberal, o que é falso e sómente prova que elles, no estrangeiro mesmo, desacreditam os seus antecessores para serem tidos por melhores do que elles. Agora o Governo está mandando elogiar o credito Conservador á custa do credito da Republica Argentina, o que pelo menos é de mau gosto.

## *O serviço do Payo*

No dia 14 foram nomeados nada menos de vinte e seis veadores, fornada de que não havia memoria n'esta geração. Entre elles estão diversos homens politicos, ex-ministros e dois de posição de chefe de partido, que entre nós occupam diversos a um tempo, os Srs. João Alfredo e Affonso Celso. Parecia que depois do exemplo do Sr. Correia estava fixado no Brazil o principio de que os cargos da Casa Imperial são incompativeis com as posições politicas e

muito mais com as democraticas. Se o Conselho de Estado incompatibiliza para a advocacia como entenderam os Srs. Dantas e Affonso Celso, ainda mais deve incompatibilizar o Senado para o serviço doméstico do Imperador. A importancia das nomeações é que ellas parecem significar a revivencia do Monarchismo (o que é muito diverso de monarchia) que parecia tão morto na America como o proprio Monachismo.

No proximo opusculo occuparme-hei d'esse phenomeno extranho de sobrevivencia do passado.

### O Imperador e os escravos

A Camara Municipal d'esta cidade libertou, em honra ao anniversario natalicio da Imperatriz, festa a que os Brazileiros estão adherindo cada vez mais, 179 escravos. N'essa occasião o Imperador disse, segundo a versão do *Paiz*: «Sei que não tenho muitos annos de vida, mas espero não morrer sem ver terminada a escravidão no Brazil»; e segundo a versão do *Diario de Noticias* «Sua Magestade declarou que teria immenso prazer em ver realizado aquillo que o Sr. Presidente da Camara havia dito no seu discurso» — o qual fôra muito abolicionista — «mas que o seu estado de saude era tal que suppunha não chegar a ver a abolição dos escravos no Brazil.» E' a primeira vez que o Imperador faz uma allusão a enfraquecimetto, todos o considerando ainda muito forte. Eu já alludi ao fim do reinado como provavel n'estes dez annos, mas foi suspeitando no Imperador o desejo de descançar, como Diocleciano, que abdicou o Imperio para plantar legumes, depois de ter vivido toda a vida como rei, morrer como um simples particular. Mas ninguem sabe o tempo que ha de viver, e o que o Imperador julga ser a approximação do

fim não é talvez senão a primeira revolta do organismo fatigado por uma vida toda de cerimonia de mais de sessenta annos. Os soberanos desde que nascem vivem sob a acção da pragmatica. Infelizmente o Imperador pôde ainda viver muito sem ver acabada a escravidão, que elle mesmo ainda não julga chegado o momento de abolir, não sabendo talvez que encontraria para fazel-o o mesmo concurso e dedicação do povo Brazileiro, que teve seu Pae, quando quebrou a corôa de que era herdeiro para ser o primeiro rebelde da nossa Independencia.

Joaquim Serra

Já que o governo está mandando injuriar o redactor dos *Topicos do Dia* é preciso que todo bom Liberal dê para bens ao *Paiz* pela felicidade com que elles são escriptos. Na imprensa d'esta cãpital, quasi toda Republicana, os *Topicos do Dia* são a nota vibrante do Liberalismo adeantado, e está na consciencia de todos que nenhuma outra tem mais elevação, nem é mais sympathica ao povo, do que essa. Nas provincias os *Topicos* são lidos por todos os Liberaes como um protesto sempre renovado do Partido contra as traições que o perderam, e das quaes foi tão difficil salvar, como o sr. Dantas salvou, a honra da bandeira.

Ao antigo escriptor dos *Boatos na Reforma* e chronista na *Folha Nova*, estava reservado o privilegio de revelar os lados mais sérios e mais notaveis do seu talento. em edade senatorial, ao ver-se unico representante do seu partido na imprensa da Capital. O progresso do escriptor politico em Joaquim Serra, depois que elle escreve n'O *Paiz*, é uma revelação mesmo para aquelles que mais o admiravam. A fertilidade de recursos, a penetração do olhar, a vivacidade da phrase, a rapidez

dos golpes, a associação das idéas, a riqueza das reminiscências, a alegria de espirito, a concisão limpa e perfeita de expressão, e a leve firmeza do traço, essas qualidades que juntas fizeram d'elle um escriptor unico em todo o nosso brilhante jornalismo, são sempre as mesmas, e estão em pleno desenvolvimento; mas além d'essas, elle está revelando n'*O Paiz* outras que ninguem lhe conhecia n'esse gráu eminente: um conhecimento exacto de todas as nossas grandes questões, uma elevação de ideal politico verdadeiramente humanitario, a fidelidade de identificar-se com o povo e de pensar por elle (que é o dom supremo do jornalista) e por fim uma independência de espirito e uma incorruptibilidade de sentimento no meio de todas as sollicitações em contrario da sociedade em que vivemos, que fazem do scintillante espirito de sempre um pensador social e um character publico, e o levantam á posição que elle hoje occupa, de um dos creadores da opinião. A unica falta que me parece ainda descobrir n'elle para ser tão util na imprensa quanto *póde* ser, é não possuir inteira confiança em si. Mas esta ha de nascer da autoridade mesma que elle está rapidamente adquirindo no paiz.

#### O Sr. Taunay no Senado.

A morte do barão da Laguna abre uma vaga no Senado e o partido Conservador ha de ver-se embaraçado ao formar a sua lista triplíce por Santa Catharina. Não será por falta de homens, mas pela posição especial do principal candidato. É evidente que nenhum chefe Conservador veria com bons olhos a escolha do Sr. Taunay, porque, illogicamente Conservador hoje, elle é um Conservador tavel, com o qual não se póde con-

tar, dada uma pressão forte da opinião. Nenhum dos Chefes estimeria ver a fornada Senatorial da Situação começar por um *novo*, suspeito de Liberalismo, inclinado á independência, e vergonhoso de pertencer ao grupo tardigrado. O mais interessante é que a provincia de Santa Catharina foi invadida por intrusos que vão se julgar incompatíveis entre si: nem o Sr. Taunay póde querer na chapa o Sr. Pinto Lima pela regra geral do Impezador, de escolher ex-ministros em qualquer estado de decomposição que se achem (sem referencia, que eu não faria por esta fórma, ao Sr. Pinto Lima), nem o *Carpet-bagger* Bahiano póde querer na chapa o Sr. Taunay, autor da magnifica *Retirada da Laguna*, official do nosso exercito do Paraguáy, escriptor de talento, e sobretudo encarnação de uma serie de idéas novas, mais populares talvez do que quaesquer outras nas provincias do Sul e em todo o mundo da Immigração. Está visto que a escolha do Sr. Taunay seria infinitamente mais sympathica do que a de qualquer outro Não-Catharinense Conservador, e o Imperador, que, se perdesse esta occasião, não teria provavelmente mais a fortuna de escolher senador o Sr. Taunay, ha de se inclinar alem do mais pelas tradições monarchicas da familia Taunay á escolha. Se a fizesse, escolheria uma individualidade, e não um homem « que fez o que qualquer outro teria feito no logar d'elle. » O futuro politico do Sr. Taunay é um enigma. Elle diz-se Conservador por *insinceridade* de espirito, mas uma vez Senador, isto é, obtido tudo que podia esperar do partido no qual se alistou talvez por fascinação pessoal pelo Visconde do Rio Branco, elle trataria de regularisar-se com as suas idéas creando um schisma Liberal na velha Synagoga.

PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Quarto opusculo

---

# ESCRAVOS!

VERSOS FRÁNCEZES A EPICTETO

POR

JOAQUIM NABUCO

LIVRARIA <sup>5832</sup> BRAZILEIRA  
DE  
TANCREDO DE BARROS PAIVA  
132, Rua do Lavradio, 132

Annuncia ás Terças-feiras  
no Jornal do Commercio

↑  
RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

1886

Os tres outros opusculos — *O Erro do Imperador* — *O Eclipse do Abolicionismo* e *Eleições Liberaes e Eleições Conservadoras* a 200 rs. nas livrarias.

---

## A APPARECER :

### A Prostituição Eleitoral A Perseguição dos Escravos Porque continuo a ser Liberal A Nova Camara

Do mesmo autor, á venda na casa G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor 31 e 36:

*O Abolicionismo*, um volume de 260 paginas, impresso em Londres. Estudo sobre a escravidão brazileira, sua historia, sua illegalidade, suas influencias sociaes, brochado 2\$000, encad. 3\$000.

*A Campanha Abolicionista no Recife*, um volume de 200 paginas. Serie de doze conferencias feitas no Recife em 1884, no Theatro Santa Isabel e na praça publica, com um prefacio por Annibal Falcão, 2\$000.

#### Aviso.

As casas que quizerem ser agentes d'esta publicação mediante uma commissão de 30% e a condição de não vender o opusculo por mais de 200 réis na Côrte e Niteroy e 300 réis nas provincias queiram communicar com a empresa. Cada um dos opusculos publicados será enviado pelo correio a quem o pedir remettendo-nos um sello de 200 réis. Recebem-se annuncios.

Escriptorio de *Propaganda Liberal*: Rua da Quitanda n.º 19.

---



## A LUIZ GUIMARÃES

OFFERECENDO-LHE OS VERSOS — A EPICTETO (\*)

---

Notre Langue est un cercle encore trop étroit  
Pour enfermer la honte amère qui ruisselle  
Du froid Assassinat d'une Race jumelle,  
Dont le Sang a rendu tout noir sous notre toit...

A telle honte il faut l'expansion du Droit,  
Dont la vibration, onde large, éternelle,  
Peut, seule, dénoncer la Race criminelle,  
Comme un spectre de pierre à la montrer du doigt.

Tes vers seront comptés parmi nos belles choses!...  
Des colibris dorés, et des courts matins roses,  
Chutes d'eau de soleil, leur éclat tiendrait lieu...

A toi, donc, d'enrichir notre Langue, en ta route...  
A nous, de recueillir ce Sang-là, goutte à goutte,  
Et de le darder au Monde en Langues de Feu.

---

(\*) Os Versos a Epicteto foram lidos no banquete litterario a Luiz Guimarães, a 18 de Março de 1886, sem estarem ainda acabados e por isso foram incluidos, por extrema gentileza, na descripção que a *Gazeta de Noticias* fez d'aquella festa, sem terem ainda a sua forma prosodica definitiva, apenas como um esboço poetico.

---

# ESCLAVES!

A ÉPICTÈTE

## I

Des siècles se sont faits de ton âpre Évangile  
Les Clairons, et, pourtant, la Race des Humains  
Est pétrie, au soleil, de cette même argile,  
Dont les produits dorés se brisaient sous tes mains.

Elle est la même encor ! N'importe la glaçure,  
Elle est si perméable au désir d'être heureux,  
Que, quand tu refusais, exerçant la Censure  
Des Dieux, de les garder dans ce limon poreux.

Non pas, le kaolin, blanc, pur, et translucide, —  
Débris de nations, chef-d'œuvre du Hasard,  
Durci pour le devoir au feu du suicide, —  
D'un Épicète, esclave, ou d'un Marcus, César.

De ces Vases Myrrhins, nul n'a su le mystère ;  
Les Dieux les ont trouvés, et les Dieux les ont pris.  
Je parle de la boue humaine, de la terre  
D'où sortent, par milliers, nos cœurs et nos esprits.

## II

Lorsque Zénon, cherchant un endroit, dans Athènes,  
Où prêcher la Vertu, l'obéissance aux Dieux,  
Où le peuple pût boire à ces grandes fontaines,  
S'arrêta, pour songer, au Portique odieux, —

Où, parmi les éclairs du divin Polynote,  
Allumant, tout autour, les grands Mythes sacrés,  
On entendait monter, palpitante, la note  
De la Patrie en deuil, pleurant les Massacrés, —

# ESCRAVOS!

A EPICTETO.

## I

Uns após outros, os seculos tornaram-se os clarins do teu aspero Evangelho, e, no entanto, a raça dos Humanos é ainda fabricada, ao sol, da mesma argila, cujos productos doirados quebravam-se entre tuas mãos.

Ella é a mesma sempre. Qualquer que seja o vidro que a revista, ella absorve tanto o desejo de ser feliz, como quando tu recusavas, exercendo a Censura dos Deuses, guardal-os n'esse barro poroso.

Não, o kaolino, branco, puro, translucido, — destroço de nações, obra prima do acaso, endurecido para conservar o dever ao fogo do suicidio, — como em um Epicteto, escravo, em um Marco-Aurelio, cesar.

Ninguem soube o segredo d'esses Vasos Myrrhinos... Os deuses os descobriram, e os levaram... Eu fallo do lodo humano, da terra de que saem aos milhares os nossos corações e os nossos espiritos.

## II

Quando Zeno, procurando um lugar, em Athenas, onde ensinar a Virtude e a obediencia aos Deuses, e onde o povo pudesse beber d'essas grandes fontes, parou, para reflectir, no Portico odiado, —

Onde, entre os relampagos do divino Polygnoto, accendendo, em redor, os grandes Mythos Sagrados, ouvia-se gemer e palpar a nota da Patria, de lucto, chorando os filhos mortos,

Son âme tressaillit, d'indignation sainte,  
 Au souvenir poignant, qui longtemps avait clos  
 Ce Sanctuaire Grec, la glorieuse enceinte,  
 Où les Peintres avaient surpassé les Héros.

Mais, vite, elle reprit son serein équilibre...  
 Maître d'une doctrine, unique en tous les temps —  
 La seule Liberté digne de l'homme Libre ! —  
 A l'ombre du Pœcile, il resta cinquante ans.

Et, comme on vit la Croix infâme du Calvaire  
 Devenir un Symbole Humain, attendrissant,  
 La plus noble, la plus forte, et la plus sévère  
 Des fois, naquit ainsi, comme une fleur, du sang !

## III

Oh ! le Brésil entier, c'est comme le Portique, —  
 Où brillèrent les combats sanglants et radieux  
 Des Amazones, sur le sol saint de l'Attique,  
 Des Vierges qui portaient la guerre aux Demi-dieux, —

Étalant sur ses murs tout couverts de couronnes, —  
 Ces granits pourprés, où des forêts ont monté, —  
 Sur ses dalles... de fleurs, à travers ses colonnes  
 De palmiers, au fronton — son ciel rose d'été,

L'Apothéose ardente, et qui donne l'ivresse,  
 De la Terre, Amazone et Vierge, aux seins nombreux,  
 Que le Soleil, jaloux, darde aux flancs, et caresse,  
 De flèches de Vainqueur, de baisers d'Amoureux.

Mais, comme le Portique, un souvenir le hante...  
 C'est un champ de carnage... il a des lieux maudits.  
 Une Ombre vengeresse, impitoyable, errante,  
 Jette sur sa splendeur de sombres interdits.

Sua alma estremeceu de indignação santa, á lembrança do morticínio que havia tornado deserto por tanto tempo esse Sanctuario da Grecia, o recinto glorioso (das tradições nacionaes) onde os Pintores haviam excedido aos Heróes...

Mas, logo ella voltou ao seu equilibrio sereno... Mestre de uma doutrina, sem igual em todos os tempos — a unica Liberdade digna do homem Livre ! — elle ficou cincoenta annos á sombra do Pœcilo.

E, como se viu a cruz infame do Calvario tornar-se um Symbolo Humano, enternecedor, a mais nobre, mais forte e mais severa de todas as fés, — a stoica — nasceu assim, como uma flor, do sangue.

### III

Oh, o Brasil inteiro é como o Portico, — onde brilhavam os combates sangrentos e radiosos das Amazonas, no territorio santo da Attica, Virgens que se atreviam a levar a guerra aos Semi-deuses, —

Ostentando sobre as suas paredes cobertas de coróas, esses granitos de purpura que as florestas subiram, em suas lages de flores, através as suas columnatas de palmeiras, no seu frontão — o ceo côr de rosa do estio,

a apotheose ardente e embriagadora da Terra, Amazonas e Virgem, de seios numerosos, que o Sol apaixonado fere no flanco, e envolve em flechas de vencedor e beijos de amante.

Mas como no Portico, um fantasma o persegue... Tambem elle é um campo de mortandade e tem logares amaldiçoados. Uma Sombra vingadora, implacavel, errante, lança sobre o seu esplendor interdictos sombrios.

Non, le massacre, un jour, — tel l'orage qui gronde —  
Des Vaillants, de leur sort, eux-mêmes, ciseleurs,  
Mourant des morts de Dieux, coupes d'or qu'à la ronde  
Passent les invités, gais, couronnés de fleurs !

La vie est bien peu pour l'Athénien... l'élève  
De Socrate ! Il est prêt, toujours, à la lancer,  
Comme un disque, vibrant de l'amour dont il rêve,  
Si loin que les lauriers y viennent s'enlacer !

Non ! le carnage ici n'a pas de reflets roses...  
C'est comme si les vents de l'Enfer, déchainés,  
Laisaient sur leur chemin toutes les fleurs écloses,  
Mortes ; tous les nids, morts ; morts, tous les nouveau-nés.

## IV

C'est l'Esclavage Noir !... L'Esclavage Moderne !  
Mille fois plus honteux, mille fois plus sanglant,  
Que du temps, où Néron sortait de la taverne  
Au flambeau résineux de l'Esclave... brûlant !

Du temps, qu'on le donnait en pâture aux murènes,  
Lorsque la croix servile était son seul drapeau,  
Et le voyant tomber, nu, mourant, aux Arènes,  
Les femmes s'écriaient : — « Jupiter ! qu'il est beau ! »

L'homme-esclave d'alors était l'égal du maître !  
Brave, artiste, éloquent, poète, créateur,  
Barbare, dont le cœur libre pouvait renaître,  
Ce fut lui, le Martyr ; lui, le Gladiateur.

Souvent des Légions s'engouffraient dans leur onde,  
Et c'étaient des Consuls qui les tenaient fléchis !  
Oh ! leur race, aujourd'hui, gouvernerait le monde,  
Les maîtres de ce temps seraient leurs affranchis...

Não, a carnificina, um dia — como o trovão que rebenta — dos Valentes, cinzeladores da sua propria sorte, morrendo mortes de Deuses, taças de oiro que á roda os convidados passam uns aos outros, alegres, coroados de flores.

A vida é nada para o Atheniense, o discipulo de Socrates; elle está sempre prompto a atiral-a, como um disco, vibrante do seu ultimo amor, tão longe que elle vá cahir cercado de loiros.

A matança aqui não tem esses reflexos roseos... É como se os ventos soltos do Inferno deixassem em sua passagem todas as flores desabrochadas mortas, mortos todos os ninhos, todos os recém-nascidos mortos.

#### IV

É a escravidão dos Negros! a Escravidão Moderna! mil vezes mais vergonhosa, mil vezes mais sanguinaria, do que no tempo em que Nero sahia da taverna, tendo por archote resinoso o escravo, que ardia...

Do que no tempo em que o escravo servia de alimento ás moreias, em que a unica bandeira para o proteger era a Cruz servil do supplicio, e vendo-o extendido, nú e moribundo, na Arena, as mulheres exclamavam: « Grande Jupiter! como *elle* é bello! »

O homem-escravo de então era igual ao senhor. Bravo, artista, eloquente, poeta, creador; Barbaro, cujo coração livre podia renascer, elle foi o Gladiador, e foi o Martyr.

Muitas vezes Legiões afogaram-se em suas ondas, e sómente Consules os teriam podido dobrar! A raça d'elles hoje governaria o mundo, e os nossos senhores seriam os seus libertos...

Car, ceux-là n'étaient pas — par le cœur — des esclaves,  
 Que des Romains traînaient après eux en Vaincus ;  
 Ceux-là, dont l'âme était recouverte des laves  
 Du Grand Volcan ancien — le Sang de Spartacus.

## V

Nos Esclaves, grands Dieux ! que l'Esclavage est lâche !  
 Ne sont pas des Captifs, hommes libres du Nord,  
 Ayant au cœur la haine, ayant aux mains la hâche,  
 Et se rendant, conquis, au vieux Droit du plus fort.

L'Esclavage, aujourd'hui, c'est la grande Houillère...  
 Souterraine, profonde, aux ténébreux ilots...  
 A peine on y descend — vaste fourmilière, —  
 Formé de corps voûtés, par un pont de sanglots.

Vous marchez à tâtons, au seul reflet des larmes...  
 Il ne s'allume en bas, dans ce long corridor,  
 Pas une conscience... ! Les voix sont des alarmes... !  
 On craint l'explosion de la Houille qui dort.

Car, cette masse informe, au fond des galeries,  
 Où nul rayon ne perce, où ne souffle aucun vent,  
 Ces enfants tristes, ces jeunes femmes flétries,  
 Tout ce monde entassé... c'est du Charbon Vivant,

Sans se douter qu'il est le Peuple près d'éclorre,  
 Gisant dans le sous-sol, en couches de douleur... !  
 Comme la Houille, noire, inerte, froide, ignore  
 Qu'elle va devenir Force, Flamme et Chaleur.

Des bras, des cœurs, des seins, et des âmes en braise...  
 Une race à brûler — immense Auto-da-Fé...  
 Du combustible humain livré, dans la fournaise,  
 Au Moloch Cannibale et Sanglant du Café !



Não, esses não eram escravos pelo coração, a quem Romanos levavam após si como Vencidos; esses, cuja alma estava toda coberta das lavas do grande vulcão antigo — o sangue de Spartaco.

## V

Os nossos escravos, ó deuses, como a escravidão é covarde!... não são prisioneiros, homens livres do Norte, tendo no coração o odio e nas mãos o machado, e só rendendo-se, conquistados, ao Direito Barbaro da força.

A escravidão hoje em dia é a grande mina de carvão... Subterranea, profunda, com os seus quadrados escuros... Onde se desce, immenso formigueiro, por uma ponte de soluços, formada de corpos em arco.

Anda-se ahí pelo tacto, á luz sómente das lagrimas... Em baixo não se accende, n'esse corredor extenso, uma só consciencia. Só se ouvem alarmes... É o medo da explosão da hulha que dorme...

Porque essa massa escura, que se vê no fundo das galerias, onde nenhum clarão penetra e não sopra nenhum vento, essas crianças tristes, essas mulheres infamadas, esse montão de gente, é o Carvão Vivo...

Jazendo no subsolo, em camadas de soffrimento... sem presentir que elle é um povo a desabrochar; assim como o carvão de pedra, inerte, frio, preto, ignora que se vai tornar força, calor e luz.

Braços, corações, seios e almas... em brazas... Uma raça a arder, Auto da fé immenso... Combustivel humano atirado á fôrnalha do Moloch Cannibal, e do sangrento Café!

## VI

Ah ! c'est horrible à dire... il faut pourtant qu'on lise ;  
 C'est notre grand marché, que ce grand Marché Noir...  
 Près du Trône, au Sénat, au Prétoire, à l'Église,  
 Partout les Négriers ont mis leur abattoir.

C'est le marché d'un Peuple au profit d'une Caste ;  
 Où, le forçat s'achète une enfant qui lui plaît ;  
 Où, le Brave est au lâche, au vicieux la Chaste,  
 Qui, Mère, n'aura pas même droit sur son lait.

Grande Foire de Sang, où l'on vend, à la pièce,  
 Une Race, qui vient d'être abattue en bloc...  
 Où, le Prêtre de Dieu, quand il a dit la Messe,  
 Et tenant sous le bras les poids lourds de Shylock,

Parcourt sans frissonner les immondes baraques,  
 Où se fait le détail, âmes, de votre chair...  
 Avec le Magistrat... tous deux Simoniaques,  
 Et trouvant que le prix des Femmes est trop cher !

## VII

C'est que ces êtres-là, plastiques et ductiles,  
 Dont on façonne au feu les chairs, comme du grès,  
 Tous ces « souffles » humains, que l'on moule en reptiles,  
 Ces cadavres qu'on jette aux champs pour de l'engrais...

Ce peuple, le regard terni de peur, humide  
 Des pleurs qu'il a cachés !... n'est pas l'Esclave Ancien,  
 Dont les bras saisissaient, nus, le lion Numide,  
 Dont le cœur résistait au feu Stoïcien.

Le Maître l'aveugla, d'après la dure règle  
 Scythe, pour qu'il ne pût compter combien ils sont...  
 Aigle, en proie au vautour, ne sachant qu'il est aigle,  
 Il livre ses petits, sans combat, à l'affront.

## VI

Oh, é horrível de dizer, mas é preciso que se leia. O nosso grande mercado, é esse mercado negro... Perto do throno, no senado, nos tribunaes, na Igreja, os Negreiros, em toda a parte levantaram os seus talhos:

É o mercado de um povo em proveito de uma Casta; onde o forçado compra a criança que lhe agrada, d'onde o cobarde leva consigo o bravo, o vicioso leva a pura, que, se fôr Mãe, não terá mesmo direito ao seu leite.

Grande feira de sangue, onde se vende por boccados uma raça que acaba de ser abatida inteira... onde o padre de Deus, depois que disse a Missa, e levando debaixo do braço os pesos usurarios de Shylock,

Percorre sem estremecer as immundas barracas em que se faz o retalho, almas, de vossa carne... Elle, com o magistrado... ambos simoniacos, mas achando que o preço das mulheres é muito caro.

## VII

É que esses entes plasticos e ducteis, a quem se dá a fórma, como á argila, no fogo, esses « folegos » humanos que vão ser yasados em reptis, esses cadaveres atirados aos campos em vez de esterco...

É que esse povo, com o olhar embaciado de medo, humido das lagrimas que escondeu, não é o escravo antigo, cujos braços agarravam, nós, o leão da Numidia, e cujo coração resistia ao fogo Stoico...

O dono o cegou, segundo o costume selvagem dos Scythas, para que elle não pudesse contar quantos elles são... Aguia perseguida pelo abutre, sem saber que é aguia, elle entrega sem combate... os filhos ao ultrage.

## VIII

C'est ainsi, qu'à travers le temps qui nous sépare,  
Tu te sens réveiller, au fond de ton caveau,  
Par le gémissement, dans un Latin Barbare,  
D'esclaves, comme toi, dans un Monde Nouveau,

Un million ! crois-tu ? — Noires Cariatides,  
Supportant un Empire, ample, énorme, linceul ! —  
Qui te montrent leurs corps, — œuvre des Euménides !  
A toi qui sus, Esclave, être Libre, toi seul...

Non, pour apprendre l'art serein de se soumettre  
Au mépris qu'on reçoit de ceux qu'on enrichit,  
En présentant aux Dieux, droits, sous le fouet du Maître,  
Un front qui lui pardonne, et qui les réfléchit...

Car, seul, tu possédas ces deux fiertés augustes,  
Qui font, des hauts sommets, le tien le plus altier :  
Pauvre, infirme, boiteux, de trouver les Dieux justes ;  
Esclave, d'affranchir l'âme humaine en entier !

Mais, pour te demander, Phrygien, un miracle,  
A toi, dont le grand Marc fut l'élève pieux,  
Et qui fus, pour le plus noble des Rois, l'oracle  
Qui rendait, sans faillir, les réponses des Dieux...

Fais au Brésil entier, Grand Esclave, une aumône !  
Que ton esprit, brillant dans la nuit de l'erreur,  
Chasse encore une fois les ténèbres d'un Trône,  
Jette encore un reflet au front d'un Empereur !

---

## VIII

É assim que, através da distancia que nos separa, tu te sentes accordar no fundo do teu sepulcro, pelo gemido articulado em um Latim barbaro, de escravos, como tu eras, em um Mundo que não conheceste,

Milhões, acreditas? — negras Cariatidas sustentando um Imperio, ampla, enorme mortalha! — que te mostram os seus corpos — obra das Furias, a ti que, escravo, soubeste ser o unico homem livre.

Mas não, para apprenderem a arte serena de sujeitar-se ao desprezo que recebem d'aquelles que elles enriquecem, e de mostrar aos Deuses, erectos sob o açoite do senhor, uma fronte que lhe perdôa e que os reflecte,

Porque só tu que possuiste essas duas grandezas augustas, que fazem d'entre todos os cumes, do teu o mais alto: pobre, enfermo, coixo, de proclamar os Deuses justos; Escravo, de libertar a alma humana inteira!

Mas, sim, para te pedir, ó Phrygio, um milagre, a ti de quem o grande Marco-Aurelio tinha amor em ser discipulo, e que foste para elle, o mais nobre dos reis, o oraculo que lhe transmittiu toda a vida as respostas dos deuses.

Faze ao Brazil inteiro, grande Escravo, esta esmola: Deixa o teu espirito, que brilha immortal na noite do erro, dissipar ainda uma vez as trevas de um throno, e lançar ainda um reflexo á frente de um Imperador!



# REGISTO POLITICO

2 de Abril de 1886.

## *Continúa a Razzia.*

O nosso distincto correligionario, o Sr. Cleto Nunes Pereira, um dos proprietarios d'esse admiravel jornal — *A Provincia do Espirito Santo*, foi demittido do cargo de thesoureiro da alfandega da Victoria, logar que exerceu mais de dez annos com inexcedivel probidade, zelo e intelligencia. Essa demissão, como tantas outras, foi um acto de vindicta partidaria dos Conservadores, cujos Ministros e Presidentes têm sido verdadeiros verdugos, levando a crueldade das demissões injustificaveis ao ultimo ponto da « theoria dos despojos. » O que é preciso, é que o partido Liberal não esqueça esses factos de perseguição, não para imital-os, se voltar ao poder n'este reinado, mas para dar aos seus correligionarios, victimas d'elles, a reparação a que lhes dá direito essa nova condecoração do merito Liberal — a demissão pelos Conservadores.

## *O primeiro Senador da Situação.*

O Sr. Conego Siqueira Mendes foi afinal escolhido senador pelo Pará, e os seus amigos da provincia se mostram tão satisfeitos com esse desenlace imprevisto da questão do quinino que o querem acompanhar a esta capital em um vapor especial, fretado para essa expedição ! A escolha do sr. Siqueira Mendes é um acto de penitencia do Imperador, que assim retira, talvez por complacencia, todas as suas prevenções contra a moralidade do chefe do cabido politico do Pará. É realmente curioso o caracter Conservador d'essa provincia que se quer mostrar mais Norte-Americana do que as outras, e agora

a sua suprema personificação canonica !

## *Uma Perseguição Inepta.*

O Sr. Ministro da Fazenda, no intuito de dar uma satisfação pessoal ao chefe de Policia da Côte, e de popularizar-se entre os Lynchadores dos antigos Clubs da Lavoira, acaba de ordenar um inquerito na Caixa Economica Perseverança, fundação do Sr. J. F. Clapp, Abolicionista muito conhecido e dedicado. A Caixa tem por fiscal o Sr. Barão de Parana-piacaba em pessoa, membro do Tribunal do Thesouro, o Marechalado da nossa Fazenda Publica, de fôrma que o inquerito, feito por empregados de categoria inferior, tem por objecto antes o proprio Tribunal do Thesouro do que a Caixa Perseverança. O motivo que determinou esse golpe foi o costume da Caixa de receber peculios de escravos. Mas não os deve ella receber? Quando eu propuz em 1880 a creação de Caixas economicas especiaes, lembradas em 1825 por José Bonifacio, para recolher, garantir e fazer render o peculio dos escravos, não menor summi-dade escravagista, do que o proprio Sr. Martinho Campos, respondeu-me que as Caixas Economicas existentes já serviam para isso e satisfaziam essa necessidade. O que quer agora o Sr. Belisario? Quer que os peculios sejam depositados na policia para que no dia seguinte o Sr. Coelho Bastos, o Aragão dos escravos, mande raspar a cabeça a navalha aos depositantes? Ou no Banco do Brazil para que estes sejam restituídos em acto continuo ás hypothecas de que façam parte?

